



Um lugar chamado Canastra

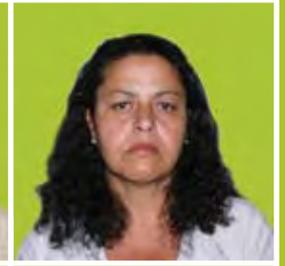
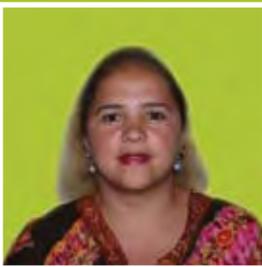


Organização
Marcelo Bizerril
Carla Cruz Soares
Jean Pierre Santos

Um lugar chamado Canastra

Instituto Pró-Carnívoros

Atibaia
2008



Autores

Adriane Cristina Aguiar - advogada

Almerindo Faria de Oliveira - alfaiate

Amadeu Paula dos Santos - aposentado, ex-técnico administrativo do PARNA Canastra

Ana Aparecida da Silva Abreu - técnica Ambiental do Instituto Chico Mendes

Ana Cristina Rodrigues Alves Pereira Oliveira - veterinária

André Luis Braga Picardi - empresário

Antonia das Graças Silva Santos - agente ambiental administrativa do PARNA Canastra

Antonio Francisco de Faria - aposentado

Aparecida Maria de Melo - estudante

Augusto Lima Neto - produtor rural e assistente de campo do projeto Pato Mergulhão

Creuse Soares Ferreira - empresário

Elmo Francisco dos Reis Moraes - produtor rural

Fernando Frederico da Silva - jornalista

Francisca Romilda da Silva - servente do Instituto Chico Mendes

Francisco Chagas Neto - fazendeiro

José Baltazar da Silva "Zé Mário" - produtor rural

José Francisco de Almeida - pedreiro

José de Lima - lavrador

Maria Luisa de Araujo Maia - pedagoga

Maria Renilda Soares Dupin - empresária

Maria do Rosário Marques Teixeira - professora

Nilza Aparecida de Faria Silva - professora

Odair Sebastião de Oliveira - educador ambiental

Osmar Alves da Silva - lavrador e ex-garimpeiro

Ricardo Tavares Rodrigues - empresário

Roberto Francisco Lázaro de Souza - gráfico

Roberto Vanderlei Machado - borracheiro

Sophia Andrade de Faria - estudante

Tatiana de Araújo Maia - estudante

Valmório Lima Júnior - empresário

Um lugar chamado Canastra. Instituto Pró-Carnívoros, Atibaia, 2008.
1ª edição – 2000 exemplares. Venda proibida.

Organizadores

Marcelo Bizerril, Carla Cruz Soares e Jean Pierre Santos

Equipe do Projeto Lobos da Canastra 2004-2007

Carla Cruz Soares, Eduardo Eizerik, Fabiana Lopes Rocha, Fernanda Cavalcanti, Flávio Rodrigues, Jean Pierre Santos, Joares May Junior, Marcelo Bizerril, Nucharin Songsasen, Rogério Cunha de Paula e Ronaldo Morato

Projeto editorial e texto final

Jaime Gesisky

Projeto gráfico e diagramação

Marilda Donatelli

Revisão de texto

Eric Sawyer

Fotos capa

Adriano Gambarini

Fotos dos autores

Fabiana Lopes Rocha

Fotos internas

Adriano Gambarini, Antonio Francisco de Faria, Carla Cruz Soares, Fabiana Lopes Rocha, Lisia Lucchesi, Marcelo Bizerril e Ricardo Tavares Rodrigues

Realização

Instituto Pró-Carnívoros
Universidade de Brasília

Apoio

Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA)

Agradecimentos

Fundo Itaú de Excelência Social

ISBN

978-85-99262-02-3

Instituto para a Conservação dos Carnívoros Neotropicais - Pró-Carnívoros

Av. Horácio Neto, 1030, casa 10, CEP 12945-010, Atibaia-SP

Fone: (11) 4411-6966 www.procarnivoros.org.br

Apresentação

A Serra da Canastra é única. É um lugar de resistência da cultura caipira, retrato fiel do interior do Brasil – o Brasil profundo, como dizia Mário de Andrade. Apresenta também uma composição diversa, que envolve riqueza cultural, exuberância de paisagens, a rica biodiversidade do Cerrado e ainda é o berço do rio São Francisco. Tudo isso a torna um lugar realmente especial.

Este livro foi produzido no âmbito do projeto O Lobo da Canastra, executado por meio de uma parceria do Instituto Pró-Carnívoros, Universidade de Brasília, Universidade Federal de Minas Gerais e Centro Nacional de Pesquisas para os Predadores Naturais (Cenap), do Instituto Chico Mendes. A publicação foi financiada pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) e apoiada pelo Fundo Itaú de Excelência Social, por intermédio do Prêmio FIES 2007, na categoria Educação Ambiental.

O Lobo da Canastra nasceu de um projeto de pesquisa e conservação do lobo-guará, iniciado na Serra da Canastra em 2004 e que apresentava ações relacionadas a diversos aspectos da conservação do lobo-guará, tais como ecologia, saúde animal, genética e educação ambiental.

O foco inicial das ações de educação ambiental era congrega a comunidade para a discussão de temas de interesse local, especialmente a questão ambiental. A idéia de escrever um livro a partir das experiências e pesquisas da própria comunidade surgiu de conversas com moradores da Canastra e da observação de arquivos e registros fascinantes encontrados em escolas da região. Também acreditávamos que o livro poderia ser uma interessante oportunidade de interação entre as pessoas da comunidade, de diferentes localidades, idades e atuações profissionais.

O chamado à comunidade foi feito por meio de conversas, mensagens na rádio local e faixas convidando para uma reunião realizada no dia 12 de abril de 2007. Para nossa alegria, 45 pessoas compareceram ao encontro motivadas pela curiosidade e pelo desafio de contar a sua própria história. A partir desse encontro, foram formados cinco grupos de trabalho que, durante três meses, se reuniram, planejaram, pesquisaram e elaboraram os textos básicos que compõem os olhares da comunidade sobre sua própria região. O interessante é que a idéia atraiu moradores das mais variadas idades e profissões. Ao final, tivemos como autores pessoas com idade entre 9 e 90 anos. Coube aos autores a definição dos conteúdos e a abordagem a ser dada em cada tema.

Ao final, organizamos tudo e demos um texto definitivo, que agregou todas as contribuições e acrescentou um aspecto ou outro, uma palavrinha aqui, outra acolá. Assumimos esse papel diante da necessidade de criarmos uma linguagem homogênea, que aparasse as arestas de um texto escrito por pessoas de diferentes perfis culturais, sociais e econômicos. Adotamos essa estratégia na busca de obtermos uma inteligibilidade que pudesse beneficiar o leitor de qualquer região do país.

Afinal, a cultura, a história, a economia e o meio ambiente do Brasil Central são parte da realidade brasileira. O livro que chega ao público trata das manifestações culturais e belezas cênicas, o resgate da história, passando pela discussão de temas polêmicos e complexos associados às questões socioambientais locais e por uma reflexão sobre o futuro e a sustentabilidade desse belo e delicado sistema que é a Serra da Canastra.

Cabe destacar que as ilustrações do livro foram obtidas a partir de contribuições diversas, que incluem fotos feitas por moradores, pesquisadores do projeto, imagens históricas do acervo público de São Roque de Minas (reunidas por Antônio Francisco de Faria, o Antônio do Chico), além de belíssimas fotos, incluindo as que ilustram a capa do livro, gentilmente cedidas pelo fotógrafo Adriano Gambarini.

Além de gerar um registro importante sobre a região – que esperamos que possa apoiar o trabalho de educadores na formação das futuras gerações – nosso intento é demonstrar que uma comunidade, ao se organizar e se comprometer com um objetivo, é capaz de realizar importantes ações. O encontro de pessoas de diferentes histórias de vida para compartilharem seus olhares em relação ao mundo que os cerca é, sem dúvida, um dos pontos mais fortes do livro, o que certamente será percebido pelo leitor.

Participar do cotidiano e das vivências dos moradores da Canastra foi, sem dúvida, um privilégio para nós que mediamos esses encontros e a produção do livro. Desejamos que essa experiência também tenha sido tão marcante para os autores e que esse seja o início de muitas outras grandes realizações dessa comunidade.

Marcelo, Carla e Jean



foto Fabiana Lopes Rocha

Sumário

<i>Preâmbulo</i>	09
<i>Primeiro Capítulo</i> O lugar	11
<i>Segundo Capítulo</i> Bicho, planta e gente	25
<i>Terceiro Capítulo</i> As histórias do lugar	39
<i>Quarto Capítulo</i> Quantas culturas cabem numa Canastra?	55
<i>Quinto Capítulo</i> Economia e desenvolvimento da Canastra	69

Prefácio

A Serra da Canastra é, sem dúvida, um dos mais belos lugares do país e também um dos mais importantes para a conservação da natureza, pois agrega homem e meio ambiente dentro de um contexto muito peculiar. A consciência que os moradores da Canastra vêm adquirindo ao longo do tempo em relação ao uso sustentável dos recursos naturais e a opção de viver em meio à fauna e flora do Cerrado na tentativa de coexistir de forma harmoniosa são alguns dos componentes que mais enriquecem esse cenário.

Ao perceber essa predisposição dos moradores locais de trabalhar por uma Canastra ambientalmente melhor foi que o Instituto Pró-Carnívoros decidiu aportar na região nos idos de 1997. A partir daí, começamos a idealizar um projeto que envolvesse toda a comunidade. Nesses 10 anos de trabalho conjunto pela manutenção de áreas favoráveis à conservação da fauna da região, tivemos grandes conquistas. Ao levantar problemas ambientais e, principalmente, ao alcançar soluções para resolvê-los, contamos invariavelmente com a participação de 'filhos da Canastra' – pessoas que sempre quiseram preservar o lugar, com suas riquezas naturais e culturais.

Para nós do Pró-Carnívoros, não interessavam apenas as discussões estritamente ambientais. Buscamos introduzir o conceito da auto-sustentabilidade, tanto no uso de recursos naturais quanto na exploração bem manejada do potencial cultural por meio de atividades turísticas. Sempre acreditamos no povo da Canastra e, sobretudo, que a conservação de ambientes naturais e das espécies silvestres só é possível se a comunidade local também partilhar do desejo de preservar.

Em 2004, depois de anos de trabalho na região, tivemos a certeza que havíamos encontrado um lugar ideal para um programa de conservação de espécies ameaçadas. Isso nos levou à decisão de implantar em São Roque de Minas uma base de pesquisas. Assim, a partilha de objetivos e ações entre o Centro Nacional de Pesquisas para a Conservação de Predadores Naturais (CENAP) e o Instituto Pró-Carnívoros permitiu o início do projeto de conservação do lobo-guará, uma espécie ameaçada de extinção, mas que ainda encontra refúgio na Serra da Canastra.

E foi justamente o lobo-guará – um dos animais-símbolos da região – que possibilitou o contato mais íntimo com a comunidade local. Esse contato se aprofundou por meio das atividades de educação ambiental e de uma infinidade de outros trabalhos em conjunto com a comunidade para a preservação da natureza.

Acreditamos que a proteção da fauna e a manutenção de áreas naturais dependem dos habitantes locais. E o comprometimento de tantos amigos nos levou a construir um projeto em que a própria população apresentasse sua região com sua visão peculiar. E com a união de esforços nasceu este livro, um tesouro lapidado através das memórias, da pesquisa e do saber de pessoas que prezam pela simplicidade e pelo bom viver.

Celebremos, então, essa obra com orgulho. Parabéns ao povo da Canastra e obrigado por nos brindar com suas histórias, com seu conhecimento.

Rogério Cunha de Paula
CENAP/ICMBio e Instituto Pró-Carnívoros



foto Marcelo Bizerril

Primeiro Capítulo

O lugar



Serra da Canastra, MG

Há um lugar muito especial no Brasil. Pelo menos, é especial para nós que vivemos aqui, na Serra da Canastra. Como se trata de um lugar bastante extenso geograficamente, decidimos, no âmbito deste livro, delimitar como sendo o "nosso lugar" a região que inclui apenas os municípios de São Roque de Minas – e alguns de seus distritos e localidades, tais como São José do Barreiro, São João Batista da Serra da Canastra, Buracas e Sobradinho – e Vargem Bonita, com o seu distrito de Campinópolis.

O lugar inclui o Parque Nacional da Serra da Canastra, que tem grande relevância para a nossa história. Além disso, os dois principais municípios são os mais visitados e com maior número de atrativos naturais e culturais. Foi justamente a população dos dois municípios que participou efetivamente na formulação deste livro.

Além dos municípios citados, destacam-se os seguintes povoados e regiões rurais:

Buracas: Região do entorno da Serra da Canastra, constituída de fazendas, dentro do município de São Roque de Minas, com um grande crescimento na área de abastecimento agrícola, destacando-se plantações de milho e de café.

14 | **Os Leites:** Pequeno povoado com destaque para plantações de café, fabricação de queijo Canastra e que oferece a visão de belas cachoeiras como a do Antônio Ricardo, a da Fumaça e a do Vento.

Serrinha: Área rural que, a exemplo dos Leites, localiza-se no município de São Roque de Minas. Possui fazendas onde também se fabrica o famoso queijo Canastra. A Serrinha tem uma linda vista para o paredão norte da serra, onde o visitante ou morador vislumbra esplendorosas cachoeiras como a do Rolinhos, a do Quilombos e a Gameleira.



São José do Barreiro: Distrito pertencente a São Roque de Minas, com grande potencial turístico. É do Boqueirão (seu antigo nome) que se avista uma das mais impressionantes paisagens da Serra da Canastra. É em São José do Barreiro onde se localiza a mundialmente conhecida cachoeira Casca d'Anta, que despenca no paredão da Serra da Canastra com seus 186 metros de altura, formando a primeira grande queda d'água do rio São Francisco.

Tributo a São José do Barreiro (Nengo)

*Muitos anos atrás, com muita inspiração
Surgia um povoado, na fazenda Boqueirão
Bem na frente da Canastra num lugar especial
Na cabeceira do rio, na unidade nacional*

*Dona Dalmira Seriacca num ato de devoção
Ao patrono São José, ela fez a doação
Deu parte de uma herança, que recebeu de seus pais
Este gesto de grandeza não esqueceremos jamais*

*Joaquim Manoel de Brito de espontânea vontade
Doou três litros de terra de sua propriedade
Um grupo ali reunia em uma hora sagrada*

*Deixando uma cruz de cedro e uma capela marcada
Para realizar este sonho vejam o trabalho que foi
De juntarem os cabedais puxados em carros de boi
Um povo muito singelo, mas todos diziam assim
Não há de faltar fiéis, nesta igreja de capim*

*O vilarejo que existe de povo hospitaleiro
Fazem parte da história de São José do Barreiro
Esse tributo ofereço de todo o meu coração
Aos nobres doados da fazenda Boqueirão.*



CASCA D'ANTA

foto Adriano Gambarini

Serra da Canastra (São João Batista): Distrito de São Roque de Minas, localizado próximo à portaria 2 do Parque Nacional da Serra da Canastra (PARNA Canastra). O nome oficial desta vila é Distrito da Serra da Canastra, e São João Batista é o nome dado em homenagem ao padroeiro da vila, festejado no dia 24 de junho com grandes folguedos, atraindo multidões ao local. Grande parte do arraial faz divisa com o parque nacional. Há produção de queijo Canastra, agricultura de subsistência e turismo ecológico.



foto Ricardo Tavares Rodrigues

O potencial turístico é imenso, pois São João é o famoso divisor de águas entre as Bacias do rio São Francisco e do rio Paraná, com uma exuberante natureza, com inúmeras cachoeiras dos dois lados do vilarejo.

IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA

Sete Voltas: Região pertencente ao distrito de Sacramento, famosa pela passagem dos Bandeirantes no século XVIII, rumo ao desemboque. Tem esse nome devido às sete voltas sinuosas que levam à cidade de Delfinópolis e apresenta extensa área de reflorestamento de pinheiros.

Aqui nascemos. Aqui vivemos

Foi aqui, nesse cantinho do país, encravados nesta bela Canastra que construímos nossa existência e marcamos a nossa relação com a natureza que nos cerca ao longo de uma história que tem muitos fatos interessantes.

16 |

A nossa Serra da Canastra pode ser interpretada de várias maneiras, seja no aspecto do turismo, da história, das cidades e das comunidades que habitam o entorno do Parque Nacional ou mesmo da nossa cultura, que tem na gastronomia uma de suas maiores expressões: o queijo Canastra, apreciado por gente do mundo inteiro. Mas, vamos conhecer um pouco mais desse lugar antes de falarmos das deliciosas iguarias.



Canastra que guarda as águas

A Serra da Canastra é muito antiga. Os geólogos estimam que ela tenha mais ou menos 1 bilhão de anos e que teria surgido da colisão de duas grandes placas tectônicas – um movimento surgido do interior da Terra que teria feito as rochas se assentarem na superfície, da forma como as conhecemos ainda hoje. Mas, como a natureza tem seus caprichos, achou por bem dar à serra a forma que lembra um grande baú, que antigamente era chamado **canastra**, daí a origem do nome que batiza o nosso lugar.

Essas rochas, observadas em toda a geologia local, inclusive em seu entorno, ora formam chapadões imensos com altitudes que variam entre 1.100 e 1.496 metros de altitude, ora despencam em inclinações abruptas de onde sempre fluem lindas cachoeiras. A natureza caprichou para nós!

Ainda por cima, temos o privilégio de estarmos localizados no coração do Cerrado, um bioma tão importante quanto os seus vizinhos: Mata Atlântica, Pantanal, Caatinga e Amazônia. O Cerrado é o berço das águas que abastecem boa parte da população brasileira.

Nesse contexto, a Serra da Canastra é de importância estratégica para o Brasil devido ao seu grande potencial hidrográfico. De fato, a Canastra é um imenso depósito de água com milhares de nascentes e pequenos cursos d'água que formam as bacias do rio São Francisco e alguns tributários do rio Paraná.

Aqui são encontradas seis bacias hidrográficas de grande importância para o resto do país. São elas: a do rio Grande, a do ribeirão Santo Antônio (ao sul da serra), a do rio São Francisco, a do rio Araguari e a do rio Santo Antônio (localizada ao norte).

Nascendo na parte nordeste do parque, no chapadão da Serra da Canastra, o rio São Francisco recebe os córregos do Retiro das Posses, Capão e Lavras, enquanto percorre cerca de 14 quilômetros em áreas de fraca declividade, até atingir a escarpa da Serra da Canastra, onde forma a cachoeira Casca d'Anta, com três quedas. A última e mais espetacular possui cerca de 200 metros de altura. Antes de deixar os limites do parque, o rio São Francisco recebe ainda as águas do ribeirão do Alto da Cruz.

O ribeirão das Lavras nasce na parte oriental do parque e desemboca no rio São Francisco, fora dos limites do parque. Também nascendo na Serra da Canastra, na parte setentrional do parque, estão os córregos do Lava-Pés, do Mata-Cavalos, dos Rolinhos, dos Cochos, da Mata do Quilombo, do Campo Alegre, do Miguel, da Cachoeira, da Fazenda, do Ribeirão Grande e do rio do Peixe que, seguindo em direção aproximada ao Norte, abastecem o rio Santo Antônio, que desemboca no rio São Francisco.

O planeta Terra está praticamente coberto de água. Mas esse grande volume é de água salgada. Apenas 2% da água disponível no planeta é doce. E menos de 0,3% está disponível para o nosso consumo, pois a maior parte está em geleiras e no subsolo.

Essa água doce está ameaçada devido à falta de respeito, imprudência e ganância do ser humano. A água, fonte de vida, está se tornando imprópria para o consumo, colocando em risco não só a biodiversidade, mas também os seres humanos.

Nossa região é muito rica em água. São 36 cachoeiras catalogadas na Serra da Canastra e arredores. Essas águas nos enriquecem e nos enchem de alegria. Podemos sair pela manhã e nadar nas cachoeiras e córregos. A serra é majestosa e tem as mais lindas cachoeiras, com águas cristalinas, cada qual com sua beleza, sendo a principal, a cachoeira Casca d'Anta.

CACHOEIRA BOA VISTA



foto Ricardo Tavares Rodrigues

O rio que tem nome de santo é sagrado, mas está em perigo

18 |

Vivemos no berço das águas do rio São Francisco. O Rio da Unidade Nacional, Rio Sagrado ou o Nilo Brasileiro – como também é conhecido – nasce aqui neste rincão do Brasil. Nasce e ganha força para fazer sua longa jornada até o mar, que fica muito longe de Minas Gerais. O rio recebe força, gera vida, mas em alguns trechos é um rio jurado de morte, começando pela destruição de suas nascentes com as queimadas intensas e criminosas. As matas ciliares que ajudam a proteger os rios são cortadas, derrubadas para dar lugar ao homem. Jipes e motocicletas avançam ferozes, assoreiam e compactam o solo, fazendo com que a beleza morra pouco a pouco.

O rio São Francisco – ou Chiquinho, quando recebe os seus primeiros afluentes aqui na serra, forma a bacia do alto da Casca d'Anta, onde está a famosa cachoeira de 186 metros de queda livre com seu poço de 19 metros de profundidade. A queda fica dentro do Parque Nacional da Serra da Canastra. Depois que passa por esse local, o rio fica à mercê da sorte, recebendo agrotóxicos e sofrendo outros tipos de impactos.

As fontes de água bem que podem ser preservadas com um manejo simples e consciente, que ajuda a evitar desmatamentos e queimadas. O uso correto deve evitar os agrotóxicos e o despejo de resíduos industriais e esgotos nos rios. Mas quase nada disso é feito. Em parte porque não há educação da população. Por outro lado, os interesses financeiros falam mais alto e isso infelizmente está matando o Velho Chico.

NASCENTE

Por meio de estudos avançados, a nascente geográfica do rio São Francisco foi definida recentemente como o rio Samburá, que nasce no município de Medeiros. Esta nascente está sofrendo influências da degradação agropecuária, e estão sendo estudadas maneiras de proteção e conservação da área. A nascente histórica, porém, continua sendo o famoso filete de águas puras no Parque Nacional da Serra da Canastra.

É preciso uma mobilização nacional urgente para tentar salvar o que resta. Podemos cuidar das nascentes, replantando áreas degradadas, plantando alimentos orgânicos, evitando que grandes criações e rebanhos pisoteiem as nascentes. Mas precisamos de apoio dos governos e da sociedade, pois esse é um serviço que gera o bem para milhões de pessoas.

Algumas coisas já estão sendo feitas. Muitas nascentes que haviam secado voltaram a brotar devido a uma ação de grupos que se mobilizaram e desenvolveram um movimento de recuperação às margens do rio São Francisco, em Lagoa da Prata.

Existem na região outras ações simples e de grande importância, como é o caso da cidade de Vargem Bonita, a primeira a ser banhada pelo rio São Francisco. Os moradores demonstraram a consciência da importância das águas com a implantação do tratamento de esgoto da cidade.

“Esperamos contribuir para um futuro melhor para as nossas riquezas hidrográficas, respeitando este delicado ecossistema do qual fazemos parte e pelo qual somos responsáveis. A geração futura nos julgará e esperamos que, pelo menos, sejamos compreendidos pela nossa vontade em propiciar-lhes uma vida melhor.” **Os moradores**

| 19



O solo em que pisamos é a nossa base mineral, orgânica. Sustenta as águas e os organismos vivos vegetais e animais. Como em todo ecossistema, o solo também necessita de equilíbrio para que os seres que nele habitam encontrem condições favoráveis para a sua sobrevivência, tais como abrigo e nutrição. É uma das partes fundamentais de um ecossistema, pois é um ambiente de sustentação para as plantas.

Um solo fértil leva muito tempo para se formar, mas pode ser destruído rapidamente através das queimadas, das práticas agrícolas inadequadas, dos desmatamentos e pelo uso indiscriminado de agrotóxicos.

O chão de onde tudo nasce

Estamos inseridos naquilo que os especialistas chamam de bioma Cerrado. As rochas que dão origem ao solo do Cerrado são bastante antigas. Aproximadamente 90% dos solos são ácidos e de baixa fertilidade, isto é, com baixa concentração de matéria orgânica e nutrientes como o cálcio, magnésio, fósforo e potássio e alta concentração de ferro e alumínio.

A flora do Cerrado está adaptada a esses solos pobres. As espécies dispõem de mecanismos eficientes que lhes permitem superar as dificuldades nutricionais e absorver o que é essencial para sobreviver.

O solo da Canastra varia muito dependendo da região em que se encontra. Em geral, o subsolo é formado por um maciço de quartzito geologicamente denominado como "cristalino".

Em cima desse cristalino — que é do período de formação da serra — o solo sofreu ações erosivas pelo próprio tempo, como os ventos, as chuvas e o fogo, proporcionando a formação de outros tipos de solos. Nas baixadas, temos os solos aluviais, solos arenosos formados pelos sedimentos trazidos pelos rios.

Típicos das regiões altas e planas, os chamados latossolos são solos muito velhos e sofreram a ação do tempo. Têm média fertilidade e muito alumínio. É um tipo de solo característico do Cerrado. Possui lindos tons amarelos, vermelhos ou uma mistura entre os dois — que pode dar pigmentos naturais para os artistas. No alto da serra encontramos solos arenosos, com seus bancos de areia formadores de rocha de quartzito.

Na beira das encostas encontramos solos argilosos, não tão novos como no alto do morro, nem tão velhos como os de lugares mais planos. Encontra-se em constante processo de lixiviação (quando a água passa arrastando os sedimentos), formando assim uma camada superficial que é carregada e depositada na parte baixa do relevo, formando as planícies. Na parte alta, o solo na maioria das vezes é renovado devido à ação das chuvas e ventos que carregam os sedimentos.

VOCÊ SABIA?

Que para formar um centímetro de solo leva-se mais ou menos 1 milhão de anos e hoje o ser humano degrada esse solo sem se importar com o tempo que a natureza levou para elaborá-lo?

O fogo

O uso do fogo é uma prática antiga, aprendida com os povos indígenas que faziam as queimadas para caçar e preparar o terreno para o plantio. O uso da queima controlada foi absorvido pelos povos não-índios e continua sendo importante para renovação das pastagens e limpeza de restos de vegetação.

Só que se for mal usado, o fogo pode se tornar um grande vilão do meio ambiente, destruindo o solo e os animais, secando as nascentes e contribuindo para o aquecimento global. Após as queimadas, o solo fica muito prejudicado, levando, no mínimo, três anos para se recuperar.

Por outro lado, o fogo faz parte dos processos ecológicos que ocorrem no Cerrado. O fogo contribui para favorecer a germinação de sementes que necessitam de sua passagem para quebrar a dormência. Só assim essas sementes podem brotar e embelezar a região, gerando alimento ao homem e aos animais.

O fogo natural, que ocorre devido aos raios, é muito freqüente na época das chuvas. Mas o que acontece muito e sem controle são as queimadas criminosas, que impedem o ciclo natural da vegetação. Essas queimadas empobrecem o solo, que perde a sua fertilidade e sofre com grandes erosões.

O fogo controlado ainda não é muito freqüente na região, porém exige o máximo de cuidado e planejamento, pois pode tomar grandes proporções, destruindo áreas nativas e animais e, principalmente, contribuindo para aumentar a temperatura da Terra. Ainda assim, a queima controlada deve ser substituída sempre que possível por alternativas que evitem o uso do fogo.

FOGO CRIMINOSO

Na região da Canastra, tem havido muitos incêndios causados pela mão irresponsável do ser humano, acarretando a destruição e prejuízo ao nosso meio ambiente. Há dados de pesquisas de controle do fogo que demonstram que a queima anual prejudica o solo, seca as nascentes e regos d'água, não permitindo que os mesmos se recomponham. Portanto, apesar de algumas contrariedades populares, a ciência comprova que precisamos de um manejo correto do fogo ou tudo será destruído. O prejuízo já se pode sentir. Basta prestar atenção nos córregos e rios que secaram perto de nossas casas ou fazendas e no calor insuportável que seca as plantações.

BRIGADISTAS COMBATEM INCÊNDIO

foto Adriano Garbarini



QUEIMADAS

Existem diversas formas de queima controlada que podem ser utilizadas com vantagens sobre as de uso tradicional. O uso corriqueiro promove a limpeza das pastagens e prepara os terrenos para plantio de culturas agrícolas.

O plano de queima somente pode ser considerado como definitivo quando tiver sido autorizado pelos órgãos ambientais. Nesse plano, é preciso considerar os seguintes aspectos: descrição do terreno, prescrição técnica de queima e controle do desenvolvimento da queima, extinção e vigilância do fogo, medidas de segurança, recursos humanos e materiais necessários.

No entorno do parque e nas propriedades particulares a autorização para queimadas é dada pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF). Importante saber que a legislação não proíbe a realização das queimadas, mas impõe condições seguras para que elas aconteçam.

Regras:

- Construir aceiros de dois a três metros de largura no entorno da área que será queimada.
- Avisar os vizinhos, com três dias de antecedência, sobre data, horário e local da queimada.
- Ter pessoal treinado com ferramentas adequadas.
- Ter em mãos autorização do local para executar a queimada, respeitando a distância dos limites estabelecidos das nascentes e áreas de florestas com preservação permanente.

ilustração Rodrigo Cunha



MASCOTE DO PROJETO LOBOS DA CANASTRA

O clima predominante no Cerrado é o tropical sazonal de inverno seco. A temperatura média anual fica em torno de 22 a 23 graus Celsius e a máxima pode chegar até os 36 graus.

Em geral, o clima é caracterizado pela presença de um inverno seco (de abril a setembro) e verão chuvoso (de outubro a março). O índice pluviométrico médio anual é de 1.448 milímetros.

A título de informação, os cerrados das regiões serranas e de planaltos altos de Minas Gerais experimentam grandes quedas de temperatura, inclusive geadas, caracterizando estas áreas como de clima tropical de altitude. Isso normalmente. É que com as mudanças climáticas provocadas por vários fatores, entre eles o desmatamento do Cerrado, tudo está mudando.

O clima é uma delícia!

A Serra da Canastra apresenta clima agradável durante todo o ano. O calor nunca é muito intenso, pois no verão chove muito, especialmente nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro. O inverno é perfeito para deliciosos caldos e causos à beira da fogueira ou dos fogões a lenha.

Nos meses de maio a julho, o clima é muito frio e seco, com muitos ventos. Muitas vezes está chovendo nos vales do parque e, nos municípios vizinhos, a chuva não chega. A paisagem fica amarelada. Na região da serra, venta muito e o clima é inconstante. Na época do frio, podemos observar grandes áreas de neblina sobre os vales, dando a impressão de um grande mar. Temos um ar puro que relaxa e atrai muita gente.

| 23

A visão, um esplendor

A região que habitamos é formada por chapadões quase sempre acima dos 1.200 metros de altitude. O ponto mais alto está localizado na serra Brava (1.496 metros acima do nível do mar), próximo ao acesso para a cachoeira Casca d'Anta. Atualmente, esse ponto só é acessível aos funcionários do parque, que fazem manutenção dos equipamentos de rádio instalados neste ponto e onde há também uma guarita para observação de incêndios. Ainda dentro da área, há pontos que se destacam pela altitude, como o mirante do Bentinho (1.491 metros), a pouca distância do Curral de Pedra.

Na estrada entre o arraial de São João Batista da Canastra e a Garagem de Pedra, registra-se um ponto de 1.424 metros, no alto das vertentes do córrego das Lavras; e outro ponto com 1.494 metros. Outro lugar de destaque é o mirante do roldador (1.311 metros).

Mais adiante, perto da estrada na serra da Babilônia (1.442 metros), há uma vista privilegiada e frontal da Casca d'Anta e do paredão da Canastra. Destaca-se ainda a localidade de São João Batista da Serra da Canastra (1.200 metros), localizado a meio quilômetro de distância da portaria 2 do parque. É o povoado mais alto de toda a região.



foto Adriano Gambarini

A SERRA ESCONDE MUITOS MISTÉRIOS. SE PRESTARMOS ATENÇÃO, OLHANDO A SERRA DO ALTO DA CIDADE DE SÃO ROQUE DE MINAS, É POSSÍVEL OBSERVAR O FORMATO DE UMA MULHER DE CABELOS LONGOS, DEITADA. HÁ QUEM ACREDITE QUE É UMA GUARDIÃ DAS BELEZAS DA REGIÃO.

Dentro ou fora do parque, passeio é o que não falta

No Parque Nacional da Serra da Canastra, há vários pontos de visitação, com destaque para a nascente do rio São Francisco, a cachoeira Casca d'Anta, o Curral de Pedra, a Garagem de Pedra, a cachoeira do Rolinho e a cachoeira do Fundão.

Mas há outros pontos de visitação fora do parque nacional, como a Cachoeira da Parida, o Vale da Babilônia, as nascentes das Gerais (macro-região da Canastra), a cachoeira do Cerradão, Capão Forro, Chapadãozinho, entre outros.

Existem muitos outros pontos de rara beleza e santuários ecológicos, mas que provavelmente não serão abertos para visitação em larga escala por serem locais de procriação e refúgio de animais silvestres.

24 |

Ao percorrermos os chapadões da Canastra, observamos que toda aquela amplitude nos proporciona um bem estar e sensação de liberdade. Ao trafegarem pelos platôs, muitos visitantes talvez não se dêem conta disso, mas o bem estar vem dessa situação do ambiente composto de clima ameno, visão ampla, silêncio profundo e a observação do vôo dos pássaros.



foto Marcelo Bizerril



Ao viajar pelo Brasil nos idos do século XVIII, o naturalista francês Auguste Saint Hilaire chegou à nascente do rio São Francisco, passando pela Casca D'Anta, sobre a qual fez a seguinte descrição, extraída do livro **Viagem às Nascentes do Rio São Francisco**:

"Acima dela vê-se, como já disse, uma larga fenda na rocha. No ponto onde caem as águas, as pedras formam uma concavidade pouco pronunciada. Da casa de Felisberto, a cachoeira me pareceu ter apenas um terço da altura das rochas mas, após tê-la observado de diversos ângulos, creio poder afirmar que suas extensas são de dois terços, com cálculos provavelmente bastante precisos de Eschwege¹, ela deve ter uns 203 metros, aproximadamente. Ela não se precipita das rochas com violência, exibindo, pelo contrário, um belo lençol de água branca e espumosa que se expande lentamente e parece

formar grandes flocos de neve. As águas caem numa bacia semicircular rodeada de pedras amontoadas desordenadamente de onde descem por uma encosta escarpada para formar o famoso rio São Francisco que tem quase 700 léguas de extensão e recebe uma infinidade de outros rios. O estrondo que as águas da cachoeira da Casca D'Anta fazem ao cair é ouvido de longe e a névoa extremamente fina que elas produzem é levada a uma grande distância pela deslocação de ar causada pela queda. Dos dois lados da cachoeira as rochas são permanentemente úmidas e embora talhadas a pique, mostram-se cobertas por uma relva muito verde e fina que raramente deixa entrever a cor acinzentada da pedra abaixo das rochas, o terreno vai em declive até o rio e no trecho mais próximo da cachoeira sua vegetação é composta só por arbustos."

| 25

Para chegar aqui

A malha viária no entorno da região da Canastra é basicamente de estradas vicinais. As rodovias que servem para acessar o interior da serra são a BR 452 e BR 262, MG 050, MG 428 e MG 341, recentemente inaugurada com asfalto desde Piumhi até São Roque de Minas e Vargem Bonita. As estradas de terra na região precisam de manutenção constante devido ao tipo de solo, principalmente na época das águas.

As chuvas dificultam o trânsito de moradores e o escoamento da produção agropecuária. Por outro lado, abastecem os mananciais das bacias do Paraná e do São Francisco. Tanta água contribui para encher os reservatórios das hidrelétricas situadas em ambas as bacias.

¹ Guilherme Luiz Eschwege. Engenheiro minerologista e militar alemão. Contribuiu muito para o desenvolvimento das ciências geológicas no Brasil. Calculou a rocha pique com mais de 1000 pés. Deduzindo um terço dessa altura para a parte superior da montanha até a cascata, teremos 667 pés.

Hidrelétricas

O Brasil possui um dos maiores potenciais hidrelétricos do mundo. De acordo com recentes avaliações, poderia atingir um potencial contínuo de 75.000 megawatts. O desenvolvimento da indústria de energia elétrica na bacia do São Francisco tem um significado muito importante, social e político.

O vilarejo onde se localiza a nascente do rio Araguari, que fornece águas para as hidrelétricas do referido rio não recebe nenhum benefício das empresas privadas, e a recuperação do impacto ambiental na região das hidrelétricas é questionável. Cabe aos governantes fiscalizar as empresas e criar leis mais eficientes que beneficiem as comunidades e lhes dêem uma compensação justa.

Quando se conhece a nascente do rio São Francisco, ninguém imagina a sua importância para o país, pois ele fornece energia para as maiores hidrelétricas brasileiras situadas em Minas Gerais, Bahia e Pernambuco.

NASCENTE DO RIO SÃO FRANCISCO

foto Adriano Gambarini





foto Adriano Gambarini

Segundo Capítulo

Bicho, planta e gente

O Cerrado é considerado um dos lugares mais ricos do mundo em termos de biodiversidade. Isso quer dizer que aqui existe uma variedade incrível de plantas, bichos e organismos microscópicos. Quer dizer também que esses seres se relacionam entre si, formando uma teia complexa e sofisticada na qual uma coisa depende da outra. Dizem os estudiosos que existem mais de dez mil espécies de plantas no Cerrado. Só de bichos são mais de mil e quinhentas espécies. Imagina só! E isso porque toda hora aparece um que não era conhecido pela ciência. A gente ainda desconhece o nosso Cerrado, isso sim.

Mas os animais e vegetais que a gente identifica por aí são apenas parte da diversidade biológica. Os seres também mantêm entre si relações invisíveis, mas que ajudam a manter a vida em nosso ambiente, garantindo inclusive a sobrevivência das pessoas. O que seria de nós sem os recursos que a natureza nos oferece? Certamente iríamos padecer.

Nós, aqui da Canastra, temos um enorme privilégio. Vivemos inseridos no meio de tanta coisa viva e bonita, que temos orgulho em relatar a todo mundo. Os bichos e as plantas daqui são nossos amigos e tornam nossas vidas realmente muito agradáveis. Eles nos dão alimentos, nos curam e nos inspiram para contar causos que, muitas vezes, são só invenção. Outras vezes, são a pura verdade.

Entre os bichos mais avistados da Canastra estão alguns de rara beleza e que de tão raros, por causa dos problemas ambientais, já freqüentam a lista das espécies ameaçadas de extinção. Então, antes que eles sumam do mapa, é melhor darmos a eles o devido valor. E para dar valor, temos de conhecer primeiro. Segue uma lista dos animais que dividem com a gente o privilégio de viver na Canastra.

As aves mais comuns

Pato-mergulhão

É uma ave muito linda, mas está em risco de extinção justamente porque o habitat preferencial dessa ave está se acabando. O pato-mergulhão gosta de rios com cachoeiras e águas bem limpas. Mas, se está faltando morada para o pato por aí, aqui na Canastra ele ainda pode viver tranquilo, salvo quando algum caçador se atreve a incomodar o pato selvagem mais raro do Brasil.

Os pássaros, semeadores de nossas florestas

*O sol surgiu tão de repente
Sobre a terra bem molhada,
Ouvi um coral contente
sobre as árvores orvalhadas.*

*Parei por um instante
E procurei entender
O que aquele coral importante,
Queria lhe dizer.*

*Eles diziam:
Olhe ternamente e procure observar
Quantas vidas há nos campos
Nas florestas e no mar.*

*Por trás de tantas belezas
Estamos nós a semear
Em harmonia com a natureza
Vamos todos juntos reflorestar.*

Ana Aparecida da Silva Alves



foto Adriano Gambarini

O primeiro cientista que avistou a ave na Canastra foi o alemão Wolf Bartmann, que encontrou o pato na parte alta da serra, no lago da cachoeira e no Retiro de Pedra. Também foram observados alguns casais na parte baixa da cachoeira. Hoje, podemos vê-lo na parte limpa do rio do Peixe, que vai da nascente até o trecho do clube recreativo. Na pedreira do córrego do Coelho foi encontrado um ninho do pato-mergulhão.



foto Adriano Gambarini

Além do tamanho, o que difere a ema do avestruz são seus dedos. A ema tem três dedos e o avestruz, apenas dois. É uma ave pernalta de grande porte e muito veloz. Alimenta-se de folhas, inclusive espinhosas e ardidias, frutas, sementes, insetos e pequenos animais como lagartixas, rãs e serpentes. O seu ninho é coletivo. De quatro a cinco fêmeas põem seus ovos e são os machos os chocadores. São cuidadosos. Preparam bem o ninho no solo. Alteram constantemente sua posição, girando uma volta completa para ajeitar os ovos no ninho a cada 24 horas. Essa ninhada pode ser de 20 a 30 ovos.

Patinho bonitinho, esse!

As principais características do pato mergulhão são os penachos atrás da cabeça, maiores nos machos, pés vermelhos, espelhado branco nas asas e bico fino longo e serrilhado. Os patos utilizam as fendas das pedras nos paredões e ocos de árvores para colocar os seus ovos. São extremamente ariscos. Encontram-se na lista mundial das 10 espécies de aves aquáticas com maiores riscos de desaparecerem completamente. Mas nós podemos mudar esse destino com o conhecimento, o cumprimento das leis ambientais e a conservação de seu habitat, principalmente mantendo as águas bem limpas. O Parque Nacional da Serra da Canastra é um refúgio para essa ave. Nesse ambiente ele encontra seu alimento principal, os lambaris, sendo o local ideal para o bicho fazer os ninhos, pois tem locais inacessíveis para a maioria das pessoas.

Ema

A ema é a maior ave brasileira. No Parque Nacional, a ema pode ser vista com mais frequência próximo à portaria III, no córrego do Rolinhos e no Curral de Pedra. Segundo os moradores da região, as emas fazem os ninhos próximos aos córregos porque quando ocorrem os incêndios, elas transportam água nas penas para proteção dos ovos. A ema é muito importante para o equilíbrio da natureza.

Você sabia?

Além do tamanho, o que difere a ema do

Suindara (Coruja-da-igreja)

As superstições que envolvem as corujas quase extinguiram esses fascinantes animais da região. Sempre associadas às bruxas e à magia, as corujas acabaram levando a fama de agourentas. Mas não têm nada disso. Mas muitas sobreviveram aos preconceitos e voam de noite pela serra, à procura de ratos, morcegos, filhotes de pássaros e sapos, como o sapo-martelo, muito encontrado aqui na região.

Na verdade, as corujas são, desde a Antiguidade, símbolos de sabedoria. É maravilhoso ter uma coruja cantando no quintal. Na Garagem de Pedra, é possível ver a Suindara, branca e marrom, bela e majestosa. Diz uma lenda popular que uma coruja encantada, muito branca e prateada, aparece às vezes. É a guardiã da serra.

Você sabia?

Que a Suindara prefere fazer o ninho em grutas, sótãos de casas velhas, forros e torres de igrejas? Daí o nome popular pelo qual ela é conhecida. As corujas costumam aproveitar os ninhos de outras aves para chocar seus ovos. A Suindara possui um grito fortíssimo emitido quase sempre durante o vôo. No período de acasalamento, seu canto é entoado em dueto pelo casal. A fêmea responde nos intervalos que o macho intercala. Hoje, o maior perigo para essas corujas é a devastação das florestas e as queimadas. É que o homem destrói o ambiente onde vivem os animais dos quais elas se alimentam.

30 |

Urubu-rei

O urubu-rei é uma ave interessante, rara e ameaçada de extinção. Ainda é muito discriminado, pois não tem a beleza e colorido de outras aves. Mas o urubu-rei tem um papel fundamental no meio ambiente. Podemos compará-lo com os coletores de lixo e seu importante papel para a coletividade. Em uma região de fauna rica como a Serra da Canastra, a morte de animais faz parte do dia-a-dia. E é o urubu-rei que aproveita a carne em putrefação deixada por alguns predadores ou animais mortos por outras causas. Imaginem qual a imagem veríamos mais constantemente se não existissem essas aves? E o cheiro?



foto Adriano Gambarini

Você sabia?

O urubu-rei é o primeiro a chegar e verificar a carne em putrefação, enquanto as demais espécies de urubus ficam no aguardo da sua saída. Depois que ele come, ele segue em vôo para grandes altitudes, pois é lá no alto, com bastante oxigênio, que ele digere a comida que, sem ele, apodreceria no meio ambiente, causando sérios problemas de contaminação.

Mamíferos

Lobo-guará

O lobo-guará é um animal de rara beleza e muito importante para o equilíbrio da natureza. Ele vive nos campos se alimentando de frutos, especialmente da fruta lobeira e de pequenos animais como ratos, perdizes, lagartos e outros. A lobeira é muito importante para o lobo-guará porque ela auxilia na sua digestão e combate parasitas que atacam seus delicados rins. O lobo demarca seu território com fezes e urina; assim podemos sentir com facilidade o odor indicando que o lobo-guará esteve em determinada área. Cada casal ocupa uma grande área. Os machos solteiros que cruzam essas áreas são expulsos por intimidação. O lobo-guará é um animal tímido, que evita o contato com o ser humano, não fazendo mal a ninguém.



foto Adriano Gambarini

“Eu saí da minha casa em direção ao parque. Cheguei na portaria. Passando por ela, consegui observar várias flores como, por exemplo, a canela-de-ema. Quando tem queimada no parque, as sementes germinam e nascem belas flores. Fui andando e, quando cheguei no Jaguarê, vi um lobo-guará. Era manso. Bastava os brigadistas do parque rasparem a panela, que ele vinha em busca de comida. Mas isso parou. Ele não pode comer comida de pessoas porque a barriga dele é muito frágil. Qualquer coisa diferente o deixa doente, podendo até morrer.” Tatiana, 10 anos — moradora da Canastra

| 31

Você sabia?

Que somente quando falta alimento no mato para o lobo-guará é que ele busca aproximação nas fazendas? Mas não é preciso ter medo. Ele não vem “atacar” as pessoas. Vem buscar comida e os criadores podem evitar, com muito sucesso, ataques de lobos às suas galinhas, fechando-as em galinheiros durante a noite. Testes feitos pelos pesquisadores do Instituto Pró-Carnívoros na Canastra mostraram que, além de proteger as galinhas de lobos e outros animais, o uso dos galinheiros traz muitos outros benefícios à criação de galinhas, como aumento da produção de ovos e facilidades nos cuidados com os animais. É preciso que a gente aprenda a conviver com o lobo. Dar tiros, nem pensar. Além de o bicho sofrer, essa atitude é um crime ambiental.

Onça-parda

É uma espécie de felino. Um dos maiores do Brasil. Pode ser vista em matas perto da serra, sempre em lugar onde tem possibilidade de haver presas. Durante a avistagem desse animal, podemos observar a mãe com filhotes, sempre mostrando o melhor e mais seguro caminho, levando-os para um grotão onde possam dormir tranquilos. É muito comum vê-la em tempos chuvosos ou de muita neblina. Devido ao desmatamento, também podemos observá-la rondando as fazendas, espreitando por alguma presa desgarrada. É o mesmo caso do lobo. Se falta alimento no mato, o jeito é tentar nas fazendas. Mas isso tem gerado muitos conflitos com os homens que, amedronta-

dos ou temendo prejuízos, atiram nesses animais. Além de pôr a onça em risco de extinção — o que seria uma catástrofe — atirar em animal silvestre é contra a lei ambiental.

Tamanduá-bandeira

O tamanduá-bandeira também está ameaçado de extinção. Desmatamento e caça são as causas dessa terrível situação. O tamanduá é de grande importância para o equilíbrio da natureza. Alimenta-se de formigas e cupins. O tamanduá tem um focinho comprido, uma língua roliça e uma saliva pegajosa para grudar com eficiência seu alimento. Quando o tamanduá-bandeira abre um cupinzeiro, ele não o destrói totalmente. Alimenta-se de uma quantidade necessária e parte em busca de outro, proporcionando a recuperação do cupinzeiro aberto anteriormente. Tamanduá é sabido. Ao dormir, se enrola todo em sua grande cauda, para se aquecer. As fêmeas carregam seus filhotes nas costas, camuflados em suas listas dorsais. Eles são muito lentos quando se deslocam e por isso, são grandes vítimas dos incêndios florestais.



foto Adriano Gambarini

32 |

Você sabia?

Que há muitas histórias sobre o tamanduá? Os antigos moradores da Canastra e região comentam que o tamanduá-bandeira era muito temido pelo seu tamanho e seu "abraço" perigoso. Tinham medo de passear à noite nas casas dos parentes, pois no caminho, as trilhas passavam próximas ou entre as matas, um local escuro, onde o tamanduá-bandeira poderia aparecer a qualquer momento. Segundo eles, muitos cães morreram nos braços do tamanduá. Na verdade, o tamanduá não é perigoso. Sua única defesa são suas grandes e fortes unhas usadas para abrir cupinzeiros. Atualmente, podemos ver no parque muitos tamanduás-bandeira, principalmente nos campos limpos, nos cerrados e nos capões de matas onde se refugiam.

Tatu-canastra

O tatu-canastra é o maior tatu brasileiro — e do mundo também! Pesa, em média, 45 a 60 quilos. É muito raro e ameaçado de extinção. Apesar de ser grande, é muito difícil vê-lo. Sua toca é enorme. Cabe uma pessoa dentro. O tatu-canastra tem hábitos noturnos. É comum ver suas tocas no parque, a caminho do córrego do Rolinhos, Curral de Pedra e outros pontos visitados. O tatu se alimenta de raízes, frutos e insetos. É uma grande sorte conseguir ver um animal como esse.



foto Lisia Lucchesi

Peixes

Curimba

É um peixe branco com escamas cinza. É um dos peixes encontrados com bastante abundância nos rios da região, especialmente naqueles com grande volume d'água. O período da desova se estende pela lua cheia. Procuram sempre as cabeceiras dos rios para deixar os alevinos. Chegam a pesar até cinco quilos.

Surubim

É um peixe branco com pintas pretas, encontrado em rios com grande volume d'água, como o São Francisco, Samburá e Santo Antonio. É comum na região, chegando a pesar até 50 quilos. É uma iguaria da região.

Dourado

É um peixe muito bonito com sua cor amarela. Alimenta-se de outros peixes pequenos.

Lambari

É uma piaba comum e pequena. Encontra-se tanto em riachos volumosos como em pequenos filetes d'água. Na parte alta e na parte baixa da Casca d'Anta, podemos observar esses peixinhos



foto Adriano Gambarini

Anfíbios

Sapo Cururu

Na Canastra, existem muitas espécies de sapos e pererecas. Juntos eles fazem uma bela orquestra quando começam a coaxar. O sapo cururu é um dos mais comuns na região. Alimenta-se de insetos, minhocas, aranhas ou pequenos roedores. Preferem os locais próximos da água, como rios, lagos, lagoas e córregos, ideais para depositarem seus ovos. Seus girinos nascem aos milhares com seus rabos que são perdidos durante a sua metamorfose em sapos.

Você sabia?

Que o sapo cururu é inofensivo, mas como todo animal, possui suas defesas. Ele tem uma bolsa de veneno nas laterais de sua cabeça que secreta um líquido que, no contato com a boca dos seus predadores, provoca um gosto muito ruim, fazendo com que o cuspa rapidamente, enquanto ganha tempo para fugir e se esconder.

“Os ouvidos mais sensíveis, que costumam parar para ouvir os sapos, desfrutam de uma sinfonia maravilhosa. Mas, infelizmente, existem também os que fazem crueldades com esses animais... Precisamos perceber que as nossas atitudes fazem parte de um todo: são nossas atitudes individuais que nos unem à teia da vida.” Toinha da Serra, moradora

As serpentes da região da Canastra

CAUSO

Certa vez uma cascavel e um urutu se encontraram, e a cascavel perguntou ao cumpadre urutu:

- Por que você carrega essa cruz na cabeça?

É o urutu respondeu:

- Ora, para colocar no local que eu matar a minha vítima.

Depois, o urutu perguntou à cascavel:

- É você, cumade, por que quando você dá o bote, pula para trás ou sai de perto?

É a cascavel respondeu:

- Ora, cumpade urutu, é para que o defunto não caia sobre mim.

Entre tantas belezas da Canastra, vamos apresentar algumas serpentes do lugar. Sabemos que elas são temidas por serem venenosas e assustadoras para muita gente. Mas para outras pessoas, as serpentes são interessantes e de grande beleza.

As serpentes têm uma grande importância no equilíbrio da natureza, porque um dos seus alimentos são pequenos roedores, cuja população elas ajudam a controlar. A maioria das serpentes só ataca o ser humano em legítima defesa, quando passamos muito próximo ou quando esbarramos nela. O veneno letal é importante para a sua sobrevivência, pois é a única maneira eficiente de conseguir seu alimento. Algumas não possuem essas presas que inoculam veneno, abatendo suas presas por constrição, como é o caso da jibóia.

34 |

Entre as serpentes mais comuns da Canastra, estão:

Caninana

É uma serpente de extrema beleza, podendo medir até três metros de comprimento. Caracteriza-se pela coloração com rajadas amareladas no dorso e pelo corpo, lateralmente. É espécie que prefere as árvores e pode ser encontrada próximo aos cursos d'água. Alimenta-se de sapos, filhotes de aves que capturam em cima dos galhos das árvores, pequenos roedores e de outras serpentes. A caninana pode fazer posturas de seis a 20 ovos. O tempo de incubação é de 80 dias.

Jararacas

São trinta variedades de jararacas existentes no Brasil. Aqui na Serra da Canastra têm algumas delas: a jararaca-do-campo, a pintada, a jararacuçu e a urutu-cruzeiro. A jararacuçu é a maior delas, chegando a medir mais de três metros de comprimento e é a mais agressiva. Até hoje, é a única que já vimos perseguir seres humanos quando se sente ameaçada.

Cascavéis

Existem seis variedades conhecidas e têm como principal característica seu guizo ou chocalho na ponta da cauda. Quando pressentem perigo, armam o bote e vibram continuamente o chocalho, denunciando sua presença e alertando a possível vítima. Vivem em regiões secas, pedregosas e acidentadas dos cerrados. Quando adultas, podem medir mais de um metro e meio.

A flora

Estima-se que o Cerrado possua algo em torno de dez mil espécies de plantas. Poucas são as que têm estudos sobre suas propriedades e muitas delas são usadas tradicionalmente como medicamentos e têm importante papel na medicina dos povos da região. Outras têm grande importância na alimentação humana e fazem parte da segurança alimentar das populações tradicionais e rurais. Na Canastra, existem todas essas plantas úteis ao homem e outras tantas que valem pela sua beleza na paisagem. Basta ver o ipê florido de amarelo, roxo ou branco para entender o que estamos dizendo. E as sempre-vivas, que enfeitam a serra? Bem, não queremos de jeito nenhum esgotar o assunto sobre a flora da nossa região, mas gostaríamos de apresentar algumas plantas que são parte importante das nossas vidas.

foto Marcelo Bizerril



de uma árvore de Natal. Não pode ser coletada em áreas protegidas, como no Parque Nacional da Serra da Canastra.

Gabirola

Arbusto com um metro e meio a dois metros de altura, recoberto com pêlos ralos e folhas avermelhadas, ovais, recobertas por pêlos sedosos. Tem flores brancas e a floração acontece entre setembro e outubro. Entre outubro e novembro, produz frutos avermelhados e amarelo-esverdeados, com muitas sementes. Seu formato lembra a goiaba ou araçá, só que pequeno. Tem sabor inexplicável. É uma delícia. Sair no campo para pegar gabirola é uma diversão. Podemos usar as folhas para curar diarreia. Com os frutos, fazemos geléias, sorvetes, refrescos.

Nossa rica flora

*Me encanta quando chego na Serra da Canastra
Me recepciona com aconchego
O perfume que vem da mata*

*Aqui há variedades de flores
de diversas cores
Algumas têm cheiro especial
Outras, ejeito medicinal*

*Quantidades de ipê amarelo
Tornando assim nossos campos
floridos e mais belos
Isso aqui é preservado
respeitado e muito amado*

*Rica flora exuberante
Que Deus nos presenteceu
Entre vales e montanhas
Aqui presente sempre estou*

Odair Sebastião de Oliveira

Arnica

É um arbusto conhecido em toda região da Serra da Canastra. A arnica é encontrada nos campos rupestres e nos campos limpos de altitude. Os moradores da região utilizam tradicionalmente a planta para curar hematomas, torções e picadas de insetos. Ela é curtida e conservada no álcool, possuindo um aroma muito gostoso. Tem um formato semelhante ao



foto Adriano Gambarini

Ipê

O ipê é uma árvore de rara beleza. Qualquer ser humano se admira ao avistar um ipê florido. O amarelo vivo e alegre do ipê parece anunciar a vida, que se seguirá ao período da seca. Aliás, dizem que a flor do ipê não cai na poeira. De fato, suas flores só caem após as primeiras chuvas. Quando não está florido, o ipê se veste de folhas verde-claro, sendo também de grande beleza. Pelo amarelo intenso de suas flores também é declarada árvore-símbolo nacional. Hoje, o ipê é uma árvore protegida por lei estadual e está imune de corte. Há ipês também com flores roxas ou brancas.

Lírios

Os lírios-do-campo são lindos. No mês de outubro, eles cobrem os campos da Serra da Canastra. São flores brancas, rosas e vermelhas formando um lindo jardim silvestre. Quando passa a floração, fica somente uma pequena batatinha no chão, esperando a próxima florada. Aqui na Canastra, os lírios são mais vistos nos campos limpos, próximos à nascente do São Francisco e ao Curral de Pedra. Depois das queimadas, podemos observar os lírios que brotam da terra, cobrindo as tristes camadas de cinzas e dando vida ao ambiente.

Margaridas

Nos meses de novembro e dezembro, as margaridas formam um imenso e lindo tapete com flores de vários tamanhos a se perder de vista. As margaridas são de cores variadas, com o amarelo predominante. Os pesquisadores acreditam que existem 225 espécies de margaridas na região. Elas são um patrimônio natural da Canastra e merecem toda a nossa atenção e carinho para que elas nunca desapareçam.

Alecrim-do-campo

O alecrim do campo é uma planta que chega a medir até quatro metros de altura. Tem folhas pequenas e perfumadas. É muito bom sentar em baixo do alecrim, apreciar o frescor de sua sombra na época de floração, compartilhando a companhia de vários beija-flores e abelhas que visitam e se beneficiam da planta. Aqui na região, as pessoas que possuem forno a lenha, utilizam muito os pequenos galhos de alecrim para fazer vassouras para juntar as brasas de dentro do forno. Quando o forno esquenta, exala um cheiro muito gostoso, devido ao uso do alecrim, dando mais sabor às quitandas, principalmente o biscoito amarelo e o pão de queijo. A madeira tem aplicações na carpintaria e confecção de raios de rodas de carroças e bengalas. Foi muito utilizada pelos índios – quando eles ainda viviam por aqui – na fabricação de flechas e tacapes. Seus frutos são muito apreciados pelos morcegos, que ajudam a polinizar outras plantas. Ocorre abundantemente em áreas de pastagens e campo sujo.

Canela-de-ema

No início de dezembro, florescem as canelas-de-ema. São 20 espécies, com flores brancas, roxas e lilás. Elas se destacam entre as pedras, dando uma beleza especial ao ambiente. Seria difícil imaginar esse lugar sem o colorido dessa planta tão exuberante. A canela de ema, na época das queimadas, é uma das plantas mais difíceis de se extinguir no combate ao fogo, pois sua resina é de alta combustão. A canela-de-ema é uma presença marcante da Serra da Canastra. Entre as variedades da espécie, existe a Barbacena, que só é encontrada aqui.

Sucupira

A sucupira tem entre 8 e 16 metros de altura, com tronco de 30 a 50 centímetros de diâmetro. Possui flores violetas. Os frutos são pequenas vagens achatadas. É uma planta típica do Cerrado. A árvore é extremamente ornamental e pode ser empregada no paisagismo. Ocorre sempre nos terrenos altos de rápida drenagem. Na Serra da Canastra, pode ser vista na estrada para Sacramento, próximo ao Curral de Pedras e também na subida da serra.

foto Marcelo Bizerril



Sempre-Viva

Existem 15 espécies de sempre-vivas embelezando a região da Canastra. Apesar de sua aparência seca, ela se destaca pela sua cor esbranquiçada e seus vários tamanhos. O pepalanthus, também conhecido como chuveirinho, pode atingir até dois metros de altura e é lindíssimo.

| 37

Candeia

A candeia tem suas folhas prateadas. Ela tem um óleo parecido com o da canela-de-ema e, quando pega fogo, é pra valer. Ela é muito boa para fazer mourão, pois tem grande durabilidade. Nas matas, ficam enormes, mas no chapadão, devido ao solo pedregoso, a candeia cresce menos.

Lobeira

Pode ter três nomes: lobeira, fruta-do-lobo e berinjala. É uma planta espinhenta de cerca dois metros de altura, mas, na região da Canastra, geralmente se apresenta como simples arbusto de porte rasteiro. Ela cresce em campo sujo e em áreas de pastagens. Os frutos amadurecem na primavera. Quando maduro é um fruto doce e cheiroso. É muito apreciado pelo lobo-guará, sendo uma das principais fontes de alimento do bicho – daí a origem do nome. Seu fruto também é usado para fazer doce. Sua flor tem uso medicinal: faz-se um xarope para curar a gripe. Floresce durante quase o ano todo, com predomínio durante o inverno.



foto Adriano Gambarini

Murici-de-flor-amarela

Com troncos tortuosos, casca grossa e áspera, não ultrapassa quatro metros de altura. Tem folhas opostas, grandes e ovais com muitos pêlos em ambas as faces. Seu fruto é arredondado, amarelo, com muitas sementes. Amadurece de outubro a dezembro, e seu sabor é estranho, meio azedinho, mas muito saboroso. A floração é de agosto a setembro. A planta é muito utilizada no estado de Minas Gerais para tingir algodão de cor amarela. Também há o murici-de-flor-rosa, com floração de fevereiro a março, e frutificação de abril a maio. Seus frutos são usados para aromatizar cachaças e fazer licores. É usado também para ornamentação. O ditado "É tempo de murici, cada um faça pra si" quer dizer que a pessoa deve ter responsabilidade.

foto Carla Cruz Soares

Bromélias

Podemos encontrar várias espécies de bromélias na região. Suas cores são as mais belas. As alaranjadas, que ficam próximas ao centro de visitantes do Parque Nacional, são muito visitadas pelos beija-flores e pelos turistas também. Todos gostam das bromélias. É muito interessante observá-las entre as pedras, troncos das árvores e no próprio solo.



38 |

Cajuzinho-do-campo

O cajuzinho do campo ocorre em regiões de cerrado. Tem porte de arbusto, lenhoso e pequeno, caule tortuoso. As folhas são simples com nervura mediana grossa. As flores são pequenas, brancas, rosadas ou amarelas com estrias arroxeadas e dispostas em cachos. Na medicina popular, usam-se as folhas e raízes para tratamento de diabetes, úlceras, inflamações uterinas e dores de garganta. É fonte de vitamina C.

Araçá

Podemos encontrá-lo em forma de árvore ou arbusto, dependendo do tipo de solo. O fruto lembra uma goiabinha e pode ser usado para fabricar geléia, suco ou simplesmente degustado. Suas folhas são parecidas com as da goiabeira, só que mais lisas. Suas flores são brancas e perfumadas. É um grande alimento para os pássaros, atraindo várias espécies.

Quaresmeira

A quaresmeira é uma árvore de médio porte. Embeleza o campo e as ruas das cidades, onde são muito comuns. Existem 90 espécies de quaresmeiras na região. As quaresmeiras de médio porte florescem de fevereiro a maio, sendo que uma espécie floresce em setembro. Existem variedades de quaresmeiras com flores roxas, brancas e rosas. Há também uma espécie da família da quaresmeira de pequeno porte com a flor amarela com pontas vermelhas. Das flores, extraímos pigmentos para tingir a lã e tecer colchas no tear.

Medicina Alternativa

Existem muitas plantas nativas da região que, há séculos, fazem parte da medicina popular. Antes da ciência, é o uso tradicional dessas plantas que atesta sua eficácia. Na verdade, a ciência segue os passos dos nossos hábitos culturais e tenta provar que as plantas curam. Nós, aqui da Canastra, já sabemos disso e usamos diversas espécies, entre elas:

Calunga: Erva amarga típica da parte alta da Canastra. Serve para o alívio de problemas de fígado e vesícula biliar, além de estimular o apetite.

Lobeirinha: Planta de pequeno porte típica das regiões baixas. É amarga e eficaz no controle do diabetes.

Mangaba: Árvore mais encontrada na serra. É muito eficaz no controle do diabetes.

Erva mulara: Planta de médio porte típica de cultura. Excelente para problemas de pele e depurativo do sangue.

Giquiri: Planta que se alastra (cipó) somente em terra. É ótima para apurar o sangue e melhorar a pele.

Congonha de bugre: Árvore com excelente poder de limpar a pele e cicatrizante de qualquer tipo de ferida e micose.

Quebra pedra: Planta rasteira com excelente poder de eliminar cálculos renais.

Erva de bicho: Planta de pequeno porte, encontrada quase sempre nas margens dos rios, córregos, brejos. Eficaz no controle de hemorróidas (chá para beber e se banhar).

Erva de Santa Maria: Planta rasteira com cheiro forte, vermífugo. Excelente no controle de úlceras, gastrites e outros problemas estomacais.

Velame: O leite extraído da planta é cicatrizante para doenças da boca e gengivas.

Arnica: Curtida no álcool é um poderoso antibiótico para passar em picadas de insetos e dores musculares. Não deve ser ingerido.

Babosa: Suas folhas são usadas na preparação de shampoo para queda de cabelo, colocada em queimaduras, alivia a dor.

Quina de Canuto: Uma planta que merece destaque. Pequenos pedaços da casca da quina de molho em um litro de água se transformam em um poderoso tônico que fortalece o couro cabeludo evitando queda de cabelos.

Esquentária: uma árvore de médio porte que é extremamente afrodisíaca. A natureza dessa planta é tão quente que debaixo dela a vegetação não cresce.

foto Fabiana Lopes Rocha



ESQUENTÁRIA

Só para lembrar

Que as gerações presentes se conscientizem cada vez mais sobre a importância de utilizar os recursos naturais de forma correta e adequada. É muito importante o conhecimento de todas as pessoas da região da Serra da Canastra, sobre a riqueza da biodiversidade do Cerrado e a importância da preservação das nascentes e das matas ciliares. Devemos retirar da terra apenas o necessário, sem poluir com agrotóxicos ou agredir nossa terra, água e ar, investindo e utilizando mais produtos orgânicos, reflorestamento e reciclagem.

Devemos evitar o desperdício e o consumo excessivo. As gerações futuras têm o direito de usufruir dessa nossa riqueza de águas limpas, lindas cachoeiras, terra fértil, liberdade e harmonia dos animais silvestres, além da rica flora que nos encanta.

Preservar a natureza é preservar a nossa própria vida. E isso é sinal de sabedoria.

Deus no céu e azeite na Terra!

O azeite de mamona foi um produto muito usado antigamente. O adágio de "Deus no céu e azeite na Terra" sempre fez parte da cultura local. E não é para menos. Aqui na região, o azeite da planta era usado na medicina caseira (para curar umbigo de recém-nascido, bronquite, cicatrizações, etc.), na iluminação das casas, nos carros de boi e no tratamento de animais. Para se fazer o azeite de mamona, esta era a receita:

- Colher os cachos de mamona, secar ao sol e debulhar.
- Lavar os grãos em água corrente e recolocar para secar em uma peneira ao ar livre. Depois de secos, colocar tudo em um tacho sobre o fogo para torrar.
- Mexer sempre com a pá feita do caule do pé de mamona. Com o calor, o azeite começa a se soltar.
- Retirar o conteúdo do tacho e levar a um pilão para ser socado até formar uma pasta.
- Voltar essa massa ao fogo em um tacho com a metade de água.
- Ferver a mistura até que ocorra a separação da água e do azeite, que ficará por cima. Aí, é só recolher o azeite com uma concha, deixar esfriar e está pronto o santo remédio.

"Corre, que o boi já vem!"

Essa história aconteceu mais ou menos 40 anos atrás. Éramos crianças e andávamos longa distância a pé, para chegar à escola. Quando voltávamos, nos deparamos com um belo, grande e carregado pé de gabiobas bem madurinhas. Não deu nem para pensar. Saímos correndo em direção ao pé para nos deliciar e aproveitar o momento. Só que para chegar nessa gabioba tivemos que passar pela cerca de arame, onde o gado curioso observava toda a nossa movimentação. De repente, um boi disparou em nossa direção. Tentávamos correr mais que ele, mas nossas pernas curtas não tinham chances. No pequeno espaço corrido nos vimos diante de uma grande, frondosa e bela árvore com vários galhos baixos permitindo a nossa escalada. As crianças mais velhas subiram rapidamente nos galhos mais altos e os mais novos acabaram ficando próximos às várias investidas e chiçadas do boi. Ele estava tão furioso que chiçava a terra e levantava um poeirão. Sacolejou tanto a árvore que uma das crianças, que levava consigo um saco de fubá, o deixou cair sobre o boi, levantando assim uma poeira amarela que escondeu o animal por alguns instantes. Não sabíamos se ríamos ou tremíamos de medo da cara furiosa do boi, amarela de fubá. Nossos gritos despertaram o dono da fazenda que veio em seu cavalo nos socorrer e mover o gado para outro pasto. Ficamos felizes e aliviados do grande susto. Mas não esqueceremos jamais da ajuda daquela frondosa e amiga árvore do Cerrado, a casaqueira, que nos salvou a vida!



Reproduzida por António Faria

Terceiro Capítulo

As histórias do lugar

História é uma coisa criada por nós. O acúmulo das experiências dos séculos vai formando a colcha de retalhos que é a história. E na Canastra isso não é diferente. Então, vamos dar uns passos atrás no tempo e voltar ao período dos primeiros habitantes. Antes dos bandeirantes e naturalistas dos séculos XVIII e XIX chegarem aqui, a Canastra era ocupada por grupos indígenas que estavam na região havia milhares de anos. Entre eles estavam os Cataguazes.

Só depois é que vieram os bandeirantes e depois os negros que sobreviveram graças à fuga e à organização dos quilombos formados lá pela cabeceira do rio São Francisco. Então, o povo da Canastra – assim como o povo brasileiro em geral – é uma mistura dessas três etnias. Os índios e os quilombolas são considerados povos tradicionais, pois seus modos de vida eram e ainda são muito ligados ao ambiente natural, e a forma de passar a cultura para as gerações seguintes é quase toda oral.

Mas nem tudo foi harmonioso na história da ocupação humana por aqui. A Canastra serviu de palco para lutas sangrentas entre esses povos. Na primeira, em 1675, os índios Cataguazes foram dizimados pelo bandeirante Lourenço Castanho Taques. Infelizmente, sabe-se muito pouco sobre os costumes desses índios. O certo é que eram bravos e que lutaram muito antes de serem vencidos, dizimados e expulsos.

42 | Posteriormente, alojaram-se nessas terras – então denominadas Cabrestos Grandes – os negros escravos fugidos das fazendas localizadas nas redondezas. Eles criaram os quilombos e resistiram ao domínio dos brancos por muitos anos, mantendo suas tradições e firmando um importante lugar na história do Brasil. O mais famoso quilombo da região foi o do Pai Inácio, que dizem ter sido tão grande quanto o de Palmares, que existiu em Alagoas.

Os negros aproveitaram muito bem a abundância de água e as terras férteis da cabeceira do São Francisco e viviam da agricultura, da pesca e da caça. Conheciam a biodiversidade e os caminhos da Canastra. Por isso, puderam resistir durante longos anos ao domínio dos brancos. Em uma batalha sangrenta sob o comando de Diogo Bueno da Fonseca, em meados do século XVIII, os quilombolas foram aniquilados. Alguns conseguiram fugir e ajudaram a compor a sociodiversidade que hoje encontramos no Cerrado.

A herança dos escravos guerreiros ficou em nomes como Ribeirão do Quilombo, cachoeira do Quilombo e Capão Forro – nome que pode ser traduzido por algo como: mata do escravo livre.

VESTÍGIOS DE CERÂMICAS DE
ANTIGOS POVOS DA CANASTRA



reproduzida por Antônio F. Faria



ACAMPAMENTO DE GARIMPEIROS EM VARGEM BONITA

Em 1819, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire conheceu a Canastra e revelou que a cidade de Piumhi nasceu de um acampamento de soldados reunidos para combater os negros da região. A população encontrada por Saint-Hilaire nas fazendas da época já era outra: brancos e mestiços vindos dos centros de mineração em decadência, os primeiros habitantes da pequena povoação que se formaria próximo à capela de São Roque e se tornaria distrito de Piumhi em 1842.

Depois disso, os municípios da Serra da Canastra tiveram um relativo crescimento devido ao desenvolvimento econômico por meio de várias atividades, principalmente a agropecuária. A partir daí, o garimpo se estabeleceu definitivamente na região. Segundo relatos, o garimpo foi formado por nortistas, paraibanos, mineiros do norte de Minas e baianos.

O surgimento e o crescimento dos povoados

Os municípios que atualmente compõem a região surgiram a partir dos ciclos de desenvolvimento econômico. Há um acervo muito interessante de fotos da região no início do século passado. Contrapondo fotos dessa época e da atualidade, é possível reviver, ou imaginar, o dia-a-dia da região em épocas passadas. Vamos entrar um pouco no túnel do tempo

| 43

Reproduzida por Antônio F. Faria



ANTIGA IGREJA MATRIZ DE SÃO ROQUE E A CONSTRUÇÃO DA ATUAL, EM 1940



VISTA PARCIAL DE GUIA LOPES, MINAS

Reproduzida por Antônio F. Faria



foto Fabiana Lopes Rocha

SÃO ROQUE, ANTIGA GUIA LOPES, À ESQUERDA, NA DÉCADA DE 1930 E À DIREITA, EM 2007

São Roque de Minas — povoado, vila e município

O povoado de São Roque de Minas — antiga Guia Lopes — surgiu, como a maioria dos municípios brasileiros, da fé religiosa de seus habitantes que, em 1762, construíram uma capela em honra a São Roque sob a liderança de Manuel Marques de Carvalho, o fundador da cidade. A capela localizava-se em terreno da fazenda de Carvalho. Posteriormente a terra foi vendida a Belarmino Rodrigues de Melo que, em 1858, doou as terras que vieram a formar o patrimônio da futura cidade de São Roque de Minas. O povoado tomou nome de São Roque, sendo elevado à condição de vila. A criação do distrito efetivou-se em 22 de setembro de 1881. Somente em 17 de dezembro de 1938, pela Lei Estadual nº 148, a então vila de São Roque mudou para a categoria de município, desmembrando-se de Piumhi.

44 |

São José do Barreiro — a fé que cria cidades

Situado na região central da serra da Canastra, São José do Barreiro fica a nove quilômetros da cachoeira Casca d'Anta. Tudo começou no ano de 1906, quando uma moradora da fazenda Campo Redondo, dona Dalmira Seriacca, devota de São José do Barreiro decidiu doar três alqueires de terra de suas propriedades para fazer um loteamento, que acabou não sendo concretizado. Dona Ana Antônia de Brito — moradora da fazenda Campo do Barreiro — propôs a D. Dalmira uma troca de terreno, para que ela pudesse realizar o seu desejo. Ela aceitou a troca e Joaquim Manoel de Brito, que possuía terras nessa fazenda, doou, em medida antiga, três litros* de terras onde supostamente seria uma capela. Assim, surgiu o loteamento de S. José do Barreiro e seu primeiro conselho administrativo foi composto por Messias Francisco de Almeida, Olímpio Francisco de Almeida, Américo Olímpio de Almeida, Miguel Gamabardela, Francisco Bernardes dos Santos, Roque Bernardes dos Santos e João Bernardes dos Santos.

*Litro. É a área do terreno em que se faz a sementeira de um litro (capacidade) de sementes de milho debulhado, num compasso de um metro quadrado, para cada cinco ou seis grãos, cobrindo uma área de 605 metros quadrados.

À ESQUERDA, ACAMPAMENTO DE GARIMPEIROS QUE DEU ORIGEM À VARGEM BONITA, À DIREITA, A CIDADE EM 2007



Reproduzida por Antônio F. Faria



foto Fabiana Lopes Rocha

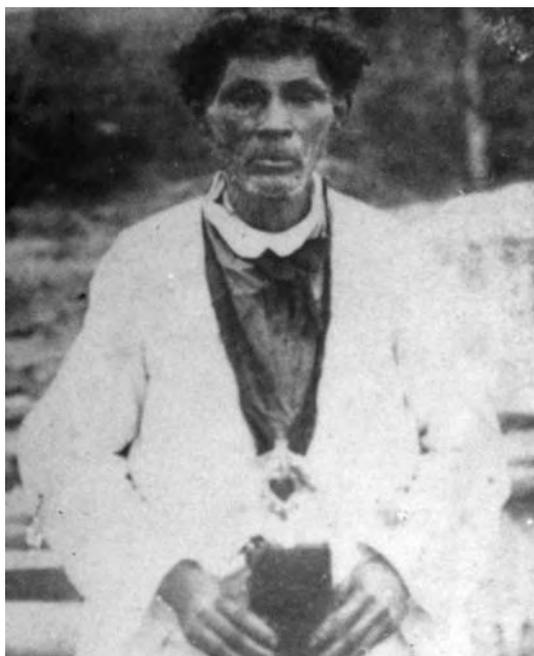
Alguns nomes que fizeram história na região

Guia Lopes

José Francisco Lopes, o Guia Lopes, nasceu em 1811. Ele possuía fazenda no Mato Grosso, na divisa com o Paraguai. Durante a guerra do Brasil com o país vizinho (1864-1870), muitos soldados haviam se embrenhado nas matas e se perdido. Nesse meio tempo, sofreram com doenças e ataques de animais e índios. Foi quando encontraram José Francisco Lopes, que acabou guiando o grupo de soldados ao governador da época, a quem finalmente puderam contar a sua história. Guia Lopes tornou-se assim herói do Exército Brasileiro.

MESTRE JUSTO

Reproduzida por Antônio F. Faria



Mestre Justo

O mestre Justo foi uma polêmica na região por volta dos anos de 1918 e 1922. Ele morava na Serrinha, por onde passaram centenas de fiéis para conhecer seus milagres e ouvir suas profecias. Quando mestre Justo fazia seus atos de caridade, usava sempre o evangelho e entrava em processo de incorporação mediúnica. Dentre os milagres atribuídos a ele, conta-se que fazia comida em panelas pequenas. Não importava a quantidade de gente: o alimento servia a todos. Foi acusado por muitos de louco, charlatão e perigoso por mobilizar multidões. Desapareceu sem qualquer explicação.

| 45

Além de Mestre Justo, a região abrigou outros benzedores e curandeiros. Em Cabrestos, viveu Agostinho Cruz. Ele curava e fazia benzições a partir de diagnósticos feitos utilizando cálculos misteriosos. Em Vargem Bonita, por volta de 1936, viveu Seu Mané, que atendia as pessoas perto da atual antena da telefonia na chamada região da "água virtuosa". Essa região se chama assim porque a água da nascente borbulhava na presença do curandeiro. Havia também em Vargem Bonita, na região de Prata, Jerônimo Amargoso, que era assim chamado por sempre receitar remédios amargos aos que o procuravam.

"Te benzo, te curo"

Reproduzida por Antônio F. Faria



SEU MANÉ DA VIRTUOSA



Reproduzida por Antônio F. Faria

Tradição e modernidade — Os costumes da Canastra

Muitos artefatos antigos convivem com a modernidade. O forno a lenha, por exemplo, ainda hoje é muito usado na culinária da região. Pão-de-queijo, roscas, biscoito amarelo, biscoito branco, broas de fubá, bolos e o joão-deitado são alguns quitutes que saem do forno com sabor de tradição aqui na Canastra.

46 | Uma das grandes dificuldades do passado era a locomoção de uma cidade para outra sem os veículos automotores. As charretes, os cavalos e os carros de boi eram os meios de transporte mais usados na região.

Havia disputas em relação aos carros de boi. Vencia o mais bonito, o que cantava mais e o que tinha melhor sistema de frenagem. O cocão era uma peça do carro na qual se passava sebo para fazer atrito com a madeira, fazendo o carro "cantar". E já naqueles idos, a prefeitura exigia licenciamento, colocando placas com números nos carros de boi. Ainda hoje, o carro de boi pode ser visto em desfiles pelas ruas, como na festa do queijo.

As estradas da época eram de terra e viviam em péssimas condições. Um trecho entre São Roque de Minas e Bambuí, que tem cerca de 60 quilômetros, demorava dias para ser vencido. Também não havia algumas pontes, tornando os caminhos intransitáveis muitas vezes. Por isso, vários produtos, principalmente os alimentícios perecíveis, eram bem escassos e os que encontrávamos tinham preços mais elevados que nas cidades maiores, por causa do custo do transporte.

Temos notícia sobre o primeiro automóvel que apareceu em São Roque de Minas, que veio de Piumhi e demorou seis dias para chegar. O proprietário era Antônio Gabiroba. O Ford Bigode tinha rodas de madeira. A partida era dada com o auxílio de uma manivela.

Existem muitas outras curiosidades sobre o estilo de vida das épocas passadas. O açúcar, por exemplo, era super valorizado. O produto era trocado por rapadura. Nos armazéns, comia-se açúcar escondido para se deliciar. O produto também era usado como remédio. Vico da Olivia, o principal comprador de queijo na região costumava descarregar o queijo e voltar com açúcar.

Até os banhos antigamente eram diferentes. Usava-se um sabão preto, feito de gordura animal. Depois do banho, calçavam-se as percas, um tipo de sapato feito de couro de vaca.

Os remédios eram todos naturais e ninguém ficava doente com tanta facilidade. Era sabão, cal, querosene, e até poeira de chiqueiro para tratar bicho de pé e feridas. E o pessoal ficava bom!

Outra curiosidade pode ser conferida ainda hoje: na praça da rodoviária de Piumhi, encontra-se a máquina tipográfica com a qual se montava, letra por letra, os jornais que traziam as notícias para os leitores da época.



Reproduzida por Antônio F. Faria

No carnaval, a brincadeira era muito divertida e sem tantos abusos de bebida e violência. Até os cavalos participavam.

Para matar o tempo, que passava mais devagar que hoje, o costume nos dias de folga era fazer piquenique, gostosas reuniões ao ar livre, perto de um rio ou uma cachoeira, onde as pessoas conversavam e degustavam comidas gostosas. Éta vida boa!

Havia também uma sala de cinema: o Cinema Oeste, movido a luz de carvão. Era um espaço de encantamento que deixou muita saudade. O Cinema Oeste era onde as pessoas se reuniam para assistir aos filmes mudos, como eram na época. As pessoas sentavam-se em bancos feitos de tábua... e eram muito felizes.

Reproduzida por Antônio F. Faria



Espaço da fé

As igrejas também têm muitas histórias interessantes. A Igreja Matriz de São Roque de Minas, por exemplo, encontra-se hoje onde era o antigo cemitério. Nas estruturas das igrejas da região não era utilizado nenhum tipo de ferro. No lugar do arame, usava-se cipó. O cimento era importado da Itália. Vinha de Bambuí pela linha férrea, que fazia ligação com o mundo exterior.

QUADRO DE ALMERINDO FARIA DE OLIVEIRA



De Bambuí, tudo era transportado pelo carro de boi. A fundação da igreja utilizava madeira forte que era fincada no chão pelo bate-estaca. A pedra fundamental (datada de 1924) encontra-se enterrada embaixo da sacristia dentro de um vidro com fotos, cartas e depoimentos da época.

Um fato interessante era a diferença entre os "espaços da fé" na região. Na zona rural, eram construídas pequenas capelas nos pontos mais altos, onde podíamos observar cruzeiros fincados pelos devotos pagadores de promessa. Já nas cidades, construíam-se igrejas próximas aos cemitérios, talvez porque os terrenos pertenciam ao patrimônio urbano (as atuais prefeituras).

48 |

Havia um cruzeiro de madeira chamado Cruz das Almas, situado às margens da rodovia, a 4 km de São Roque. O lugar era muito conhecido entre os andarilhos e os pagadores de promessa. As pessoas recebiam uma graça e deixavam dinheiro nessas cruzeiros. Quem precisava, usava o dinheiro e retribuía depois. Eram outros tempos!

Você sabia? Que o sino da igreja de São Roque de Minas foi comprado em 24 de setembro de 1900 por 560 mil réis. Já o atual relógio foi comprado por 30 mil réis, sendo inaugurado em 20 de abril de 1948. A imagem do padroeiro que se encontra na igreja é feita de madeira de lei. Mede 1,60m de altura e foi adquirida em 30 de abril de 1918. Uma curiosidade é que antigamente não havia bancos na igreja. De um lado, ficavam as mulheres e do outro os homens. Todos de pé.

foto Adriano Gambarini



IGREJA MATRIZ DE SÃO ROQUE DE MINAS

As origens dos nomes

O nome **Canastra** atribuído à serra deve-se à sua aparência, que lembra um baú. Antigamente era conhecida como Chapadão.

Buracas, que hoje dá nome a uma região do município de São Roque era um improvisado de tábua e couro usado para carregar queijo.

O morro do **Chapéu** tem esse nome porque houve uma chuva de vento que levou o chapéu de um homem para dentro do mato em plena noite. Dizem.

Cabrestos, nome pelo qual o povoado de Campinópolis também é conhecido, foi tirado de um lugar onde se amarravam cavalos.

A área conhecida como **Rolador** tem esse nome provavelmente devido à forma do monte, que tem declive em todo o seu redor. Mas outro episódio também faz jus a esse nome: um acidente ocorrido no início da década de 60, quando, durante a construção da estrada, uma caminhonete rolou por uma ribanceira com mais de 10 pessoas dentro.

Já a região denominada **Rolinhos** é assim chamada porque lá rolou um boi que tinha o nome de "rolinhos". Foi na época das cheias pela cachoeira.

Também há muitos causos engraçados na tradição aqui da Canastra

CAVALO DIABO

Havia um homem que ia à missa todos os domingos pela manhã. Chegava sempre a cavalo e rezando seu terço. Mas toda vez que seu cavalo tropeçava, ele xingava e batendo no cavalo com seu terço, gritava: Cavalo diabo! E retornava com sua reza.

PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI

Na procissão de Corpus Christi, o padre ia debaixo do 'palio', um pano de cetim branco erguido com seis varas, cada uma carregada por uma pessoa, formando uma espécie de tenda. O povo, que não é besta, ia cantando o seguinte verso: "Sorta fuguete, rebenta bomba. Nós vai no sóli... e o padre vai na sombra!".

O CAIXÃO

Uma senhora faleceu e o caixão seguia para o cemitério. O marido, apenas fingia estar muito triste. Passando por uma trilha muito íngreme, o povo que o acompanhava pedia para o homem deixar o caixão no chão que ele ia deslizar sozinho. Mas o viúvo disse espantado que não, pois tinha medo do caixão bater em um cupinzeiro e ela voltar a viver.

O garimpo

O garimpo na região da Canastra surgiu no comecinho do século XIX e durou cerca de 90 anos. Os principais municípios onde havia garimpo eram Vargem Bonita e São Roque de Minas, com grande parte concentrada no distrito de São José do Barreiro. As fontes de diamantes nessas regiões eram tantas que atraíram diversos imigrantes em busca de uma vida mais abundante.

O garimpo era dividido em áreas cedidas pelos donos das terras, os fornecedores. Os garimpeiros eram chamados de meia-praça, que significava uma partilha de 50% do valor líquido da renda dos diamantes com o proprietário, o que pagava o uso das terras e da água.

50 |

Os garimpeiros usavam o escafandro para procurar diamantes no fundo d'água. O escafandro era um capacete com frente de vidro, ligado a uma mangueira na superfície onde uma pessoa era responsável por bombear oxigênio para quem mergulhasse. Junto com esse capacete, eram colocadas duas rochas ou pedaços de chumbo presos ao corpo para manter o garimpeiro debaixo d'água. Todo esse equipamento pesava em torno de 72 quilos.

Além desses equipamentos, os garimpeiros tinham de revirar os monchões (pedras, cascalhos e terra retirados da água) para descobrir os diamantes. Era um trabalho braçal. Ajuda mesmo só de carros de boi que arrastavam os montes de terra.

Todo dinheiro ganho, na maioria das vezes era "torrado" em cabarés, cachaça e diversão. O movimento era tanto que havia até um cinema na região dos Bentos, a três quilômetros de Vargem Bonita. A região chegou a ter uma população flutuante de 20 mil habitantes. As pessoas migravam aos montes, mas não ficavam muito tempo. No auge do garimpo, nas décadas de 1940 e 1950, São Roque de Minas chegou a ter 12 mil habitantes.

"Desde a minha infância, participei do garimpo. Me preocupava com as transformações que podiam acontecer no futuro, pois o garimpo era o meu trabalho, e ele faz parte de minha história. Hoje são páginas viradas no meu grande livro. Vejo que foi uma ilusão, mas com isso pude aprender muito. O garimpo mudava o meio ambiente. As mudanças eram muitas, mas não havia outra solução. Observo atualmente a natureza com outros olhos: sua beleza e sua perfeição me fortalecem, me dando vida. O próprio destino transformou a minha vida para melhor. Sei que hoje o meio ambiente precisa ser ajudado pelas consequências de ontem. Aprendi que tenho novos diamantes em mãos, outros meios de sobrevivência como o turismo, atividade agrícola e pecuária. As pessoas que estavam envolvidas no garimpo descobriram também que não só do garimpo vive o homem. Nasci aqui, na Serra da Canastra, tenho 70 anos, e não sabia de uma riqueza tão grande que são as águas do São Francisco.

*Quero terminar contando uma história verdadeira: eu era ainda menino, quando conheci um homem de dois metros de altura com o nome de Zé Baixinho. Esse homem pegou uma mina de diamante que durou dois anos. Enquanto ele estava na fase dos diamantes falava que das águas do São Francisco não bebia, só tomava água mineral. Até foto num aniversário de sua neta com um saco de dinheiro ele tirou. Ele não esperava que o tempo cobrasse o orgulho. E assim foi fracassando. Depois de dois anos, ele e sua família foram embora. Um tempo depois voltaram e a água do São Francisco estava ainda mais suja por causa do garimpo constante. E essa foi a água que ele teve que beber e reconhecer que estava pagando seu orgulho. É como diz o ditado: 'o que se faz cedo paga-se tarde'." **Seu Osmar Elias, ex-garimpeiro***

O garimpo se manteve na região até a década de 1970. Nos anos 1980, com a fiscalização e proibição do antigo IBDF (hoje IBAMA), houve o declínio da atividade na região. Após essa proibição e o fechamento dos garimpos, os moradores tiveram dificuldades para encontrar uma nova atividade, pois muitos não sabiam fazer nada além de garimpar, já que não plantavam nem produziam alimentos para sua subsistência.

Na percepção de alguns antigos garimpeiros, o garimpo só terminou mesmo devido à destruição dos leitos do rio São Francisco. O rio estava começando a secar e a água ficou barrenta. Mas essa foi só uma consequência da garimpagem desenfreada.

O Parque Nacional da Serra da Canastra entra na história... e deixa marcas

O processo da criação do Parque Nacional da Serra da Canastra foi bastante complicado e até traumático para muitos de nós. Procuraremos relatar os fatos ocorridos e vislumbrar um futuro mais harmonioso. O que se sabe sobre a região do Chapadão das Posses, que hoje corresponde à atual área do parque, é que, na primeira metade do século passado a maior parte das terras pertencia a um grande fazendeiro – que supostamente teria se apossado das mesmas, como era costume na época. Quando o fazendeiro morreu, suas terras foram divididas entre seus filhos que, por sua vez, as venderam por volta de 1950.

Anos atrás, em alguns trechos da região da Canastra, o gado era mantido na parte baixa do chapadão, e quando chegava o inverno (período da seca), o gado era levado para a parte alta. A migração acontecia da seguinte maneira: os campos do Chapadão eram queimados durante o final de julho, começo de agosto.

A passagem do fogo "favorecia" a regeneração da vegetação e, nas primeiras chuvas, o broto do capim crescia rapidamente. Cerca de 20 dias depois já se podia levar o gado para cima. Na parte baixa, o pasto já estava esgotado e o gado precisava de novas pastagens. Então, subia-se com os rebanhos de gado, porcos e galinhas.

Conta-se que ali havia alimento em abundância. A relva era riquíssima em proteínas e nutrientes para os animais. As vacas produziam mais leite e de melhor qualidade. E nas queijarias dos retiros, fabricavam-se os melhores queijos, desde então denominados queijo Ca-



CURRAL DE PEDRA NO CHAPADÃO DA CANASTRA

nastra. Os proprietários permaneciam por lá de três a quatro meses (agosto a novembro), convivendo com animais silvestres, como seriemas, lobos-guará, cutias, tatus, veados, tamanduás-bandeira, entre outros.

Um aspecto interessante é que, como no alto do chapadão há poucas árvores que possam fornecer madeira para construções, o principal material utilizado para erguer os muros, casas e cercas eram as pedras, abundantes por lá.

O retorno para a parte baixa acontecia quando a pastagem já estava recuperada. Usava-se o mesmo procedimento com o fogo para a brota do capim. Queimavam o pasto no final de outubro ou começo de novembro e, após uns 15 a 20 dias, desciam o gado. O inverno seguinte era aguardado ansiosamente, quando então retornavam para a parte alta do Chapadão.

O duro processo de implantação do parque

O decreto de criação do Parque Nacional da Serra da Canastra data de 1972. Na época em que o parque foi criado, em pleno regime militar, não se ouvia muito falar em preocupação com a preservação ambiental. Ouvia-se, nos bastidores da ditadura, que a razão principal para a criação do parque seria questão de segurança nacional. Considerava-se uma área de interesse especialmente por ser uma região de serras nas proximidades da usina de Furnas, que estaria supostamente ameaçada de sofrer represálias ao regime militar.

52 |

Como já foi dito, as pessoas que viviam naquela região tinham como atividade econômica o pastoreio temporário com o manejo feito com o fogo, pois não se conseguiu estabelecer nenhum tipo de plantio no local.

Por serem áreas grandes (variando de mil a dez mil hectares), os impostos eram altos. Conta-se que houve uma orientação, feita supostamente por funcionários do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) aos fazendeiros, para elaborarem um documento dirigido ao governo, solicitando a redução do valor dos impostos, tendo como argumento o baixo valor das terras utilizadas principalmente para o pastoreio temporário durante a seca.

O documento foi aceito, porém logo veio o processo de desapropriação das terras para o estabelecimento do parque e os valores a serem pagos foram também muito baixos, correspondendo ao que havia sido declarado pelos próprios proprietários. Pára até hoje o mal estar e a dúvida sobre as intenções daquela orientação dada aos fazendeiros pelo pessoal do INCRA.

Outro problema desse processo foi que não houve pagamento em dinheiro relativo às desapropriações. Isso ocorreu apenas em poucos casos relativos às benfeitorias das fazendas, sendo o restante pago na forma de Títulos da Dívida Agrária, a serem negociados em 20 a 30 anos e, às vezes, resgatáveis em apenas 20%. Esse fato obrigou os fazendeiros a reduzirem drasticamente seu rebanho, uma vez que não havia outra forma de alimentá-lo que não fosse o pasto natural.



Tudo isso representou um impacto muito forte na economia local, pois a agricultura era ainda incipiente e a criação de gado era a principal atividade. Tampouco houve realocação das pessoas para outras áreas, nem tempo ou recursos financeiros para se estabelecerem adequadamente em outro local. Conta-se também que o processo de retirada das pessoas de dentro da área do parque envolveu excessos e violência.

"A criação do Parque da Canastra foi uma época de muitas mudanças, não só de propriedades, como também de costumes e hábitos tradicionais interrompidos sem nenhuma preparação aos proprietários.

Não podemos deixar de esclarecer que tudo isso ocorreu em um período de regime militar, onde os proprietários não tinham voz e seus direitos foram violados, não recebendo valores justos. Muitos até hoje não receberam a indenização pela desapropriação. Tudo isto deixou marcas indesejáveis, pois muitos tiveram que abandonar suas terras, onde nasceram, viveram e criaram seus filhos sem nunca pensar em mudar para outros lugares.

Uma história ilustra bem esse acontecimento: O Seu Chico Bastiana, como assim era conhecido, já com seus 74 anos, morava com a esposa e oito filhos em uma propriedade que hoje é a portaria 4 do parque, na Casca d'Anta. Sua casa foi preservada e transformada em um centro de visitantes. O Seu Chico abria a sua janela do quarto e via a cachoeira bem à sua frente, toda majestosa e barulhenta, com sua beleza inesquecível. Tudo aquilo pertencia à sua família e eles viviam felizes lá. Quando veio a criação do parque, tudo se transformou.

Seu Chico e a família foram despejados sem receber indenização. Eles não tinham outras fontes de renda e, não tendo para onde ir, ficaram morando dentro do parque, mesmo contra a lei. E foi lá que ele faleceu alguns anos depois, talvez por desgosto. Quem sabe? Depois de mudar para uma cidade no Triângulo Mineiro, já sem o chefe da casa, a família não conseguiu se adaptar aos novos costumes. Voltaram à Canastra onde sua esposa também morreu.

Esta é uma de muitas histórias acontecidas no âmbito da criação do parque e muitos outros como o Seu Chico viveram esse drama por aqui. Mesmo com sacrifícios de muitos, algo de bom aconteceu com a criação do parque. O rio São Francisco e seus afluentes foram mais bem cuidados e os proprietários que perderam suas terras dentro do parque vieram morar no entorno. Mas os que mudaram tiveram que procurar novas técnicas de manejo, melhorando seus rebanhos, equipando suas propriedades com capineiras e máquinas. Outras propriedades foram transformadas em pousadas. Enfim, algo de bom acontecendo.

Trinta e cinco anos depois, o 'pesadelo' se repete para os proprietários do entorno do parque e até mesmo para aqueles que foram despejados na primeira etapa de sua criação. Hoje, novos proprietários estão sendo 'ameaçados' pela ampliação do parque. Aos proprietários e moradores resta esperar essa ampliação. Se for necessária, que seja feita com muito respeito, justiça e bom senso para que não tenha um impacto social negativo, levando moradores a migrarem para as cidades onde iam viver como peixes fora d'água."

Creuse Soares Ferreira, morador do entorno do PARNA da Serra da Canastra

A situação atual

Apesar de tudo o que aconteceu, hoje entendemos que, se não houvesse esse parque, estaríamos bebendo água com agrotóxicos em grandes quantidades e hoje nós podemos beber uma água limpa. O parque também possibilita a vinda de recursos para a região por meio do turismo, apesar dessa atividade ainda não ser a base da economia.

O decreto original considera uma área maior do parque, além dos atuais 71.525 mil hectares já regularizados, totalizando 197 mil hectares. No entanto, está em discussão hoje a revisão desse decreto, pois o mesmo considera que devem ser preservadas as áreas agricultáveis. Outro aspecto é que na região correspondente ao Vale da Babilônia e do Vão dos Cândidos, pode-se encontrar famílias que ocupam a mesma localidade há várias décadas.

Por outro lado, grandes mineradoras multinacionais também têm interesse nas áreas a serem regularizadas no parque. Pesquisas apontam a existência de uma das maiores rochas de diamante do mundo, próxima à cachoeira Casca d'Anta. Contudo, a exploração dos diamantes na região preocupa os ambientalistas e muitos moradores também.

A natureza ontem e hoje

54 |

Achamos que o fogo é um grande causador de prejuízos à vegetação, aos animais e principalmente ao clima do planeta. Muitas vezes, os raios atingem a vegetação seca, um combustível inflamável, provocando o fogo, que se alastra rapidamente pela ação dos ventos frequentes na região.

foto Adriano Gambarini



Na nossa lembrança, temos claro que a área que atualmente é o parque era queimada todos os anos em pontos diferentes. A queimada era feita no capim úmido e, por isso, havia sempre capim novo. A raiz do capim ficava protegida, pois só queimava por cima. Era um fogo "manso", que qualquer um conseguia controlar. Desta forma, nunca se teve notícia da área ter queimado por inteiro.

A impressão que temos é que a vegetação da região da Casca d'Anta era muito mais exuberante que nos dias atuais. Antigamente, era freqüente ver bandos de emas correndo nos campos. Quando se juntava o gado no curral, os veados e outros animais comiam juntos, principalmente lambendo o sal dado para o gado. Hoje, sabemos do risco de contaminação de animais silvestres pelos animais domésticos, o que pode ajudar a extinguir várias espécies. Muitos moradores acham que, após o primeiro grande incêndio do parque, grande parcela dos animais foi eliminada por não terem aceiros que os protegessem.

Sentimentos de um morador

Quando o município de São Roque ainda era chamado de Guia Lopes, jurávamos fossas para os nossos detritos. Quando chegou a modernidade, canalizou-se tudo para o nosso rio, poluindo o manancial. Na época, havia muita água. O povo da região nadava, lavava roupa, bebia e comia os peixes abundantes. Quando as pessoas chegavam a São Roque pelo rio do Peixe, paravam na ponte para tomar um meio banho, lavavam os pés e calçavam a botina para entrar na cidade.

"Na natureza, nada se perde. Tudo se transforma". É a gente paga um preço por essa transformação. Temos que preservar o nosso ouro, que é a água. Existem nascentes na região que já secaram. Conta-se que antigamente uma simpatia usada para fazer voltar a água em uma nascente que havia secado era despejar água do rio São Francisco. É uma bela simpatia, mas o melhor mesmo é não precisar depender dela para termos água pura no futuro.

O QUE QUEREMOS

Relembrando o passado e o modo de vida que tínhamos antigamente, verificamos que pagamos essa modernidade toda com um preço alto. O sossego acabou e é só preocupação hoje em dia: "Amanhã tenho que pagar isso, aquilo, comprar mais isso...". Corremos o tempo todo atrás de coisas.

As pessoas dormiam por volta das 6 horas da tarde, sem televisão, tranqüilas. Hoje ninguém está satisfeito com o que tem. Estão sempre querendo mais. De fato, era tudo muito simples, mas muito mais feliz. Hoje há tudo em excesso e ninguém é contente.

Que as novas gerações queiram conhecer e aprender com a história e os costumes passados, pois nem tudo que chamamos de progresso são melhorias para nossas vidas.



foto Carla Cruz Soares

Quarto Capítulo

Quantas culturas cabem numa Canastra?

Os hábitos e costumes da nossa região são valores muito importantes. Eles representam um patrimônio cultural que estava guardado apenas na memória de alguns e que poderia ser esquecido com o passar dos tempos. É nesse contexto que escolhemos alguns costumes interessantes para ajudar a entender um pouco o que é o mosaico da nossa cultura.

Um dos ingredientes da nossa tradição é o queijo Canastra, apreciado por nós e por todos os que experimentam essa iguaria. O queijo é descrito pelos apreciadores como um queijo de sabor ímpar ou até como o "melhor queijo do mundo", modéstia à parte. O queijo tem esse nome por ser produzido na região da Serra da Canastra e em alguns municípios vizinhos, não existindo queijo igual em nenhuma outra parte. O queijo Canastra se tornou uma "marca" conhecida nacional e internacionalmente.

Trata-se de um queijo artesanal, feito de massa crua (leite cru), produzido artesanalmente nos municípios de Bambuí, Medeiros, Piumhi, São Roque de Minas, Tapiraí, Vargem Bonita e Delfinópolis. É constituído de leite puro, adicionado de pingo (ácido láctico), coalho e sal.

São as suas características peculiares que o identificam como produto artesanal. O que faz do queijo Canastra um produto único em relação a outros queijos, como o queijo do Serro ou o Minas Frescal é seu sabor levemente ácido e coloração características, provenientes do leite de vacas na maioria das vezes mestiças, pastando em regiões típicas do Cerrado.

58 |

O queijo Canastra característico é aquele que ficou maturando durante 10 dias. Apresenta cor amarelada e sua "casquinha" (quando maturado) é de pelo menos dois milímetros.

foto Fabiana Lopes Rocha



A fabricação do queijo Canastra

Antigamente, o queijo era fabricado de uma forma ainda mais artesanal que nos dias de hoje. Usava-se um coalho que era elaborado através do bucho de porco ou do couro de vaca. Eles eram colocados para secar ao sol e, algum tempo depois, tiravam-se lascas e as colocavam de molho em quantidades necessárias para a coagulação do leite.

O próximo passo ocorria após cinco dias de molho, quando se tirava aproximadamente três colheres dessa água, despejando-a em um recipiente contendo leite quente (35° C a 40° C). A etapa seguinte era bater bastante até misturar bem. Depois de aproximadamente meia hora, a massa estava no ponto. Colocava-se a massa dentro de fôrmas, que eram feitas de folhas de abacaxi, umas sobre as outras, amarradas pela extremidade. Gastava-se de cinco a seis folhas para a altura do queijo de 700 gramas. As fôrmas também podiam ser feitas de palha de bananeira, madeira ou cabaças.

Ocorreram várias mudanças no processo de produção do queijo, levando em consideração, principalmente, técnicas de higiene e manuseio. Hoje, o queijo Canastra é um tesouro financeiro e artesanal daqui e sua fama deve-se ao sabor que vem do leite produzido com a influência do tipo de vegetação e do clima encontrados somente nesta região.

Derivados do queijo Canastra

São muitos os alimentos derivados do queijo Canastra. A seguir, algumas receitas deliciosas de **Pão de queijo** (prato típico feito a base de polvilho e queijo Canastra); **João Deitado** (quitute feito a base de mandioca – aipim – ralada e queijo Canastra); **Ameixa de queijo** (doce a base de queijo Canastra); e **Mexido de queijo** (comida típica feita à base de queijo Canastra, consumido no café da manhã).

Aprendendo a fazer o queijo Canastra

Deve-se tirar o leite com asseio, colocá-lo em um recipiente limpo e, daí, despejar o coalho (industrializado) e o pingo. A utilização do "pingo" é de suma importância para caracterização do sabor e consistência da massa.

Após a colocação do pingo, deve-se esperar cerca de 40 minutos. Quebre o leite já coagulado com uma pá de madeira, de preferência. Em alguns minutos, quando a massa tiver descido para o fundo e restar o soro em cima, retire o soro até a massa ficar um pouco firme. Coloque na banca e, em seguida, passe para a fôrma. Dentro da fôrma novamente, quebre bem a massa e prene o queijo com as mãos. Vire o queijo e reforme colocando um pouco mais de massa e volte a prensar. (Hoje em dia, a maioria dos produtores de queijo Canastra utilizam o pano de náilon para a etapa de prensagem com o objetivo de dar um melhor acabamento. Após a etapa de prensagem, o queijo está pronto. Lave-o bem e coloque sal grosso por cima. Deixe até mais tarde, quando deve-se virar o queijo e colocar sal novamente. No outro dia, vire-o mais uma vez. Por fim, faça o acabamento, coloque na prateleira e deixe maturar.

Atenção: Pingo é o soro recolhido do queijo do dia, só que no período da noite, mais ou menos sete horas após a fabricação. Deve ser renovado diariamente para a confecção do queijo do dia seguinte.

Mexido de queijo

Ingredientes: 2 colheres de manteiga de leite, 200 gramas de queijo Canastra ralado grosso, 100 gramas de farinha de milho ou mandioca, sal ou açúcar a gosto

Modo de fazer: Leve a panela ao fogo. Coloque a manteiga de leite e o queijo. Assim que o queijo derreter, coloque a farinha de mandioca ou milho. Mexa bem. Coloque sal ou açúcar a gosto.

Pão de queijo

Ingredientes: 1 kg de polvilho doce, 1 copo de 200ml de óleo, 1 e 1/2 copo de leite, 300 gramas de queijo Canastra curado, 7 ovos, 1 colher de sopa de sal

Modo de fazer: Coloque para ferver o leite e o óleo, escale o polvilho e, em seguida, coloque os ovos, o queijo, o sal e sove (bata a massa) até o ponto de fazer bolinhas. Leve para assar com o forno bem quente.

João Deitado

Ingredientes: 1 kg de mandioca, 200 gramas de manteiga de leite, 300 gramas de queijo Canastra ralado, 2 ovos, 1 colher de sopa de fermento em pó, 300 gramas de açúcar ou rapadura raspada até o ponto de adoçar, 4 cravos moidos.

Modo de fazer: Descascar a mandioca e ralar para obter uma massa fina. Misturar todos os ingredientes, enrolar na folha de bananeira e assar.

Ameixa de queijo

Ingredientes: 500 gramas de queijo Canastra curado ralado, 1 xícara de farinha de trigo, 5 ovos.

Modo de fazer: Acrescente ovos até a mistura dar liga e enrole em formato de bolinhas. Cozinhar na calda de açúcar durante 10 minutos.

foto Fabiana Lopes Rocha

**Você sabia?**

Que o monjolo era utilizado antigamente para socar café, arroz e milho? Principalmente para fabricar a farinha de milho. Seu funcionamento era a partir da força d'água. Uma bica era o suficiente para mantê-lo funcionando. Os moinhos completavam a fabricação de matérias primas essenciais para a nossa culinária, tais como o fino fubá com que produzimos as deliciosas broas de milho.

Inspiração para as artes e a ciência

Por suas belezas raras e cênicas, seus paredões imponentes, fauna e flora típicas, a região da Canastra inspira os habitantes locais e visitantes de diversos lugares do mundo a usarem toda essa fonte de inspiração em letras de músicas, desenhos, pinturas, lendas, crenças, teses científicas e costumes variados. O modo de falar daqui também é bastante típico. Os que vêm de fora dizem que falamos cantando, lentamente.

A região também atrai pesquisadores em busca de novos conhecimentos sobre a natureza do lugar, inclusive possibilidades de cura para doenças a partir das diversas plantas medicinais que crescem aqui. Diversas pesquisas que hoje estão disponíveis em várias universidades e que ajudaram a formar muitos cientistas foram baseadas nas riquezas naturais da Canastra.

Há alguns anos, encontrávamos muitas tecedeiras, que faziam nos teares lindas colchas de lã e algodão em cores e formatos incríveis. O trabalho não acabava por aí, também confeccionavam panos para roupas de algodão e malas que serviam para transportar alimentos nos cavalos.

A música é uma das maneiras dos poetas expressarem sua inspiração. Na região da Canastra, a beleza natural e a paisagem principalmente dos vales, serras e águas cristalinas ainda embalam os sonhadores.

A música Velho Chico fala do transtorno que sofreu a família do Senhor Francisco, que era dono de um paraíso onde hoje é a sede do parque e que foi desapropriado para formação do centro de visitantes e a portaria 4. Em outro momento da música, comenta-se sobre a altura da cachoeira Casca d'Anta e a admiração dos turistas por ela. Leia a letra:

Velho Chico (Nengo)

*Vou contar uma história que a natureza retrata
São dois protagonistas da região da Canastra
Ambos chamam Velho Chico com destinos semelhantes
Um é o rio São Francisco; o outro é o saudoso Francisco
De uma família importante*

*Morador do pé da serra de frente a uma cachoeira
Paz e amor não faltavam junto a sua companheira
Até que uma surpresa chocou o seu coração
Um carro ali parava
Bem equipado estava pra uma demarcação*

*A sua primeira queda foi fatal
Por ser desapropriado por uma lei federal
Tendo que deixar sua sede, um lindo cartão postal
Um projeto desenhado para ali ser transformado
Em parque nacional*

*Primeira queda do rio uma queda proporcional
Por toda sua grandeza e seu valor cultural
Uma linda cachoeira por nome Casca d'Anta
Famosa pela estatura
Duzentos metros de altura*

*Mas o rio Velho Chico aqui ele é pequenino
Que vai correndo para cima é o que aprendi no ensino
O velho Chico Bastiana um dia foi menino
Recebem esta homenagem por esta bela passagem
De cumprir com seu destino.*

As festas regionais

Na região da Canastra, há várias festas durante todo o ano. Os motivos são vários. São festas religiosas que expressam toda a fé dos moradores ou festejos populares, onde o objetivo é a diversão e o convívio social, como exibição de músicas e danças, festas agropecuárias, rodeios e tantas outras. Em meio a tudo isso, várias pessoas visitam a região com um único objetivo: festejar!

foto Carla Cruz Soares



JUCA CHICO E A BANDEIRA DO CONGADO

As festas dos santos padroeiros que acontecem nas cidades e comunidades são as mais tradicionais. A participação da comunidade é fundamental nessas ocasiões.

Antigamente, as festas faziam a população se deslocar de uma comunidade para outra. É que os automóveis eram poucos e as estradas de difícil acesso aos moradores, principalmente os da zona rural. Quando começavam as festas e missões religiosas, os moradores da zona rural faziam suas mudanças temporárias para as pequenas cidades e povoados usando seus carros de boi. Levavam tudo: comida, roupa de cama, agasalhos, capim para acolchoados e travesseiros e até lenha. Tudo feito com amor e fé.

Hoje, ao conversar com moradores mais antigos, podemos sentir a preocupação de todos em relação aos jovens que se mostram pouco interessados nesses costumes. São jovens da região e de outros municípios, atraídos para a festa pelo motivo secundário que são as músicas, sorteios, shows e jogos, e não pelo caráter principal da festa, que é a religiosidade.

Além das tradicionais festas dos padroeiros das respectivas cidades e povoados, acontece nos finais de ano a festa dos Três Reis. É uma tradição européia que se refere à história do nascimento de Jesus Cristo, contada em forma de canção folclórica e encenada pelas ruas e estradas da região. A Folia dos Três Reis se estende do dia 24 e 25 de dezembro até o dia 6 de janeiro do ano seguinte.

Os reis da Folia não são santos canonizados. Todavia, representam os três reis magos do Oriente que, guiados por uma estrela, chegaram ao local de nascimento de Jesus, levando bênçãos, incenso, ouro e mirra. Segundo a história, os magos receberam a mensagem de encontrar o Rei maior e

adorar o seu nascimento. Viajaram muitos dias, atravessando o deserto. Essa tradição chegou a nós pela religião católica e vem desde o início da era cristã. Aqui na Canastra, a festa acontece desde o tempo dos nossos antepassados e é um patrimônio cultural da gente.

Na Folia de Reis, essa história é contada em forma de melodia pelo capitão. Essa figura precisa ser um pouco de repentista, além é claro, de conhecer a história dos Três Reis. Tudo isso porque durante a caminhada até a chegada ao presépio, alguns versos acabam sendo improvisados. A figura do palhaço, que também tem lugar na Folia, responde às perguntas dos foliões. Ele é o tenente da folia e faz os versos, auxiliando o capitão em sua cantoria.

O capitão divide a história em quatro partes: a anunciação de Nossa Senhora, a viagem dos reis a Belém, a visita e a adoração a Jesus e, por fim, a coroação dos reis pelo Espírito Santo.

A bandeira dos Três Reis é depositada no altar da igreja para ser contemplada pelos fiéis que vêm orar em visitas diárias até o dia 6 de janeiro, dia dos Três Reis. Nesse dia, a mesma companhia que iniciou o rito fecha a bandeira e, cantando, encerra a festa que será retomada no Natal seguinte.

*Quero parabenizar pelo meu conhecimento
Por este grupo formado por artistas de talento
Mostrando a filosofia de alta repercussão
Folia de Santos Reis formada por sua vez
É a nossa tradição*

*Depois da base formada, a escala é a principal
E o dueto de vozes também é fundamental
Por dar o contrate feito com o segundo capitão
Duas ritintas de aço que asseguram o compasso
Fazendo a afinação*

*O capitão é importante porque rege a companhia
Tem de ter inspiração, trabalhando a harmonia
Outra qualidade é a determinação
Com ajuda dos tenentes alegre toda a gente
Com versos de saudação*

*Por onde passa a folia sempre chama a atenção
Uns vão só pelo folclore
Outros pela devoção
Em forma de meia lua, com aquele jeito cortês
A folia vai saindo e um guia vai conduzindo
A bandeira dos Três Reis*

*O destino é uma capela
O povo fica aguardando
Para o encerramento das festas de fim de ano
E com muita competência o trabalho é concluído
A bandeira é fechada e fica ali bem guardada
Para um eventual pedido.*

Nengo

FOLIA DE REIS NA DÉCADA DE 1960



Reproduzida por Antônio F. Faria



foto Carla Cruz Soares

O palhaço na folia

Parece engraçado como a figura de um palhaço vem parar no meio da Folia de Reis. Mas tem uma explicação. Conta-se que o palhaço trabalhava para o rei Herodes como bobo da corte para entreter sua mulher e sua enteada Salomé, filha de seu irmão Felipe. Com a notícia do nascimento do Salvador, Herodes, com medo de perder seu poder, mandou seus soldados matarem todas as crianças menores de dois anos, pois o profeta anunciava o nascimento de um novo rei, Jesus Cristo. O palhaço ouviu toda a conversa e foi em busca da folia que anunciava a chegada do tal rei. Chegou disfarçado, usando máscara e roupa estampada. Todos ficaram sem entender, mas logo ele contou o que Herodes estava planejando. Assim avisaram José e Maria para fugir com o menino Jesus Cristo para o Egito. No caminho, José teve uma idéia: inverteu as ferraduras do jumento que os transportava, confundindo os perseguidores. Com isso, quanto mais os soldados os seguiam, mais distantes eles ficavam.

64 | Esse folclore é o mais tradicional da região, atraindo muita gente em sua festividade. Há grande devoção aos Três Reis, mas os jovens não estão demonstrando grande interesse em continuar com essa tradição. Os foliões antigos estão deixando suas atividades. Estamos correndo o risco de perder essa tão antiga e bonita festa da Canastra.

Outro momento são as quadrilhas da festa junina, amplamente comemoradas pelo Brasil. Contudo, aqui seguimos algumas dicas para não perdermos as características originais: cavalheiros não devem usar brincos nem óculos escuros, e as damas devem usar vestidos de chita ou estampados.

A festa do queijo da Canastra

Dentre as festas mais importantes e visitadas, podemos destacar a Festa do Queijo Canastra, que acontece em vários municípios da região, com o objetivo de divulgar o queijo produzido aqui. É um grande evento, visitado por pessoas de toda a região e outras partes do país e do mundo. A festa tem como destaque o queijo Canastra, apresentado como o principal produto. São exibidas mostras de como o queijo é produzido, os tipos de queijos e há também um concurso para o melhor queijo fabricado pelos produtores locais.

O evento oferece atrações como: shows de artistas famosos, concurso da rainha do queijo, sorteios de brindes para os visitantes, barracas de comidas típicas e parque para crianças. A cada ano, a festa se torna melhor, com mais atrações e recebe um público cada vez maior. Vem gente de todas as idades e classes sociais. É uma festa para todo mundo.



NA DÉCADA DE 1970, UMA DAS ÚLTIMAS FESTAS DO CONGADO NA REGIÃO

Reproduzida por Antônio F. Faria

Cultura extinta

Dentre as manifestações culturais mais importantes estava o Congado e o Moçambique. Ambos se assemelhavam por serem baseados, como as demais manifestações de congado pelo Brasil afora, em uma festa religiosa que envolve a forte participação da população negra, relacionada a fatos da época da escravidão e do povo quilombola. Segundo relatos do Seu Juca Chico, que participou ativamente dessas festividades, ambos saiam no mesmo dia e, se acaso se encontrassem, havia uma disputa de cantos e danças típicas. O Moçambique ainda se diferenciava por que seus participantes levavam latinhas amarradas aos pés, usadas também como forma de percussão durante as danças. Infelizmente, o Congado foi realizado na região até os anos 1970, quando não houve mais envolvimento suficiente da comunidade para mantê-lo.

| 65

As festas populares da região atraem visitantes de cidades vizinhas e de outros municípios mais distantes pela diversidade cultural apresentada, os produtos típicos, as músicas e as danças. Em todos os municípios da região, existem diversas festas populares que são distribuídas por todo o ano, havendo o cuidado de não coincidir datas com as de outros eventos de municípios vizinhos. As festas populares geralmente são: exposições agropecuárias, mostras de produtos típicos, shows, festa do peão boiadeiro e campeonatos esportivos.

Lendas e histórias

Como acontece em várias regiões do Brasil, a Canastra encanta seus visitantes e moradores também por histórias incríveis e lendas que mexem com o imaginário das pessoas. São histórias de personagens fictícios ou reais, lugares históricos ou imaginários. Mas tudo se entrelaça, como nos tecidos dos teares.

Mãe do ouro

A Mãe do Ouro é uma lenda que moradores mais antigos da Canastra conhecem bem. Apesar de ter sido vista poucas vezes, muitos acreditam. Essa lenda vem passando de geração a geração e muitas pessoas já viram algo parecido. A Mãe do Ouro só aparece em noites muito escuras. Segundo os relatos, suas características são: formato alongado e oval, pouco maior que um abacate, mas reluzente feito ouro. Seu clarão atinge um quilômetro de distância. Sua aparição dura cerca de um minuto e, em seguida, tudo volta à escuridão. Ninguém provou isso, cientificamente, digamos, pois o fenômeno não depende da vontade de quem vê. Mas o que importa é que tem gente que vê e conta.

Há muitos anos morava na região um sábio que estudava os astros para descobrir o segredo da Mãe do Ouro. Ele chegou à conclusão de que a região é rica em minérios, principalmente o diamante e, provavelmente, por debaixo dessas serras maravilhosas também poderia haver diversos tipos de tesouros que não são conhecidos nem explorados e que atrairiam povos de outros planetas. Será?

A febre em São João Batista da Serra da Canastra

66 | Por volta do ano de 1879, no distrito de São João Batista da Serra da Canastra, uma forte febre tomou conta de todos os moradores da região. O povo ficou vários dias com aquela febre. Várias pessoas estavam morrendo e a cura não aparecia. Ervas, chás, plantas e outros medicamentos usados na época não resolviam o problema.

Algumas pessoas, então, resolveram procurar ajuda de um famoso curandeiro que habitava a região. Durante a visita, tiveram uma revelação inesperada e surpreendente. Segundo ele, para que a febre desaparecesse de uma vez por todas da região, seria necessário o sacrifício de uma pessoa que estivesse contagiada pela febre. Ela deveria ser enterrada viva para levar a febre para o fundo da terra e só assim todos os doentes seriam curados.

Intrigados com a solução apontada pelo curandeiro, eles voltaram ao arraial para anunciar à população o que havia sido dito. Todos ficaram receosos com a notícia. Não acreditavam que isto resolveria o problema e ninguém se propôs a realizar tal sacrifício.

Alguns dias depois, uma senhora contagiada pela doença saiu de sua fazenda e foi ao arraial. Era conhecida como Dona Messias e pertencia a uma família muito rica da região, possuidora de várias fazendas e muito gado. Quando ela soube da solução proposta pelo curandeiro se propôs a ser enterrada viva para que a população fosse curada. No entanto, fez uma exigência: que fosse enterrada com suas jóias, tais como colares, brincos e pulseiras de ouro.

Poucos dias depois de seu enterro, as pessoas da região estavam curadas da febre, graças ao sacrifício da Dona Messias. O seu corpo foi enterrado no cemitério, ao redor da igreja local, prática

que era realizada antigamente por vários adeptos da religião católica. Até hoje seu túmulo é visitado regularmente por pessoas da região, que conhecem sua história e vão até lá para agradecer-lhe pelo sacrifício, levando flores e oferendas.

Zagaia — morte e mistério na Canastra

Bem antes da criação do Parque Nacional da Serra da Canastra, várias fazendas de criação de gado ocupavam a área. Em certas épocas do ano, os rebanhos eram levados para serem comercializados na região de Sacramento. Era um longo trecho de viagem para os comerciantes de gado. O único local de descanso destes vendedores era uma fazenda próxima ao arraial do Desemboque. Esses vendedores que ali passavam, ficavam hospedados na ida e na volta. Enquanto estavam na viagem de ida, tudo corria bem. Mas, na volta, traziam grande quantidade em dinheiro e paravam mais uma vez no local para pernoitar. Cansados, iam dormir. No teto do quarto havia escondida uma zagaia, uma espécie de lança de madeira com ponta de ferro que caía sobre eles enquanto dormiam, matando-os sem lhes dar chance de defesa.

A trama era a seguinte: a ponta da corda que segurava a zagaia ficava no quarto ao lado, onde os donos espreitavam o sono dos viajantes. Quando os donos da casa escutavam o hóspede se mexendo na cama de palha, soltavam a corda. A zagaia caía, cravando no peito ou nas costas dos viajantes. Após roubarem o dinheiro, os donos enterravam o corpo em áreas próximas à fazenda.

Um dia, um viajante que pernoitava por ali se encantou com uma das escravas e a presenteou com um rolo de fumo durante a sua viagem de ida. A escrava se sentiu muito infeliz de imaginar que, na sua parada de volta, o seu benfeitor poderia morrer. Então ela o avisou da armadilha.

Ao entrar no quarto, e já desconfiado pelo que a escrava lhe dissera, ele mexeu no colchão de palha simulando estar deitado. Foi aí que os donos foram surpreendidos, amarrados e, em seguida, mortos, acabando assim com uma série de assassinatos ocorridos durante anos. Após pesquisarem o local, foram encontradas dezenas de ossadas humanas, enterradas nas proximidades da fazenda.



Vocabulário próprio

O vocabulário das pessoas da Canastra chega a ser tão diferente que às vezes parece até um dialeto. Esse jeito regional de falar muitas vezes é visto com certa desconfiança e até um pouco de preconceito pelas pessoas de fora, mas, na verdade, trata-se de um dos patrimônios culturais do povo daqui. O palavreado do pessoal requer até mesmo uma certa 'tradução'. Então, se você pensa em visitar a região para passear ou estudar, é bom saber logo algumas palavrinhas muito comuns entre nós.

Por exemplo: para informar que o automóvel estragou ou quebrou na estrada, aqui dizemos que o carro "zangô na linha".

Outro costume local é ligar os nomes do pai, do avô e até do bisavô, ao invés de chamar pelo nome e sobrenome. Há uma pessoa aqui que é conhecida como Éverton do Gaspar do Zé do Vicente. Quer dizer que o Everton é filho de Gaspar, que é filho de Zé que é filho do Vicente. Ou ainda, o Adilson do Juca Regina, porque Adilson é filho do Juca que é filho de Regina. Assim, fazemos uma homenagem aos ancestrais da pessoa. Mas isso se dá naturalmente. É uma tradição enraizada em nossa comunidade.

68 |

Algumas expressões do vocabulário da Canastra

Apiar: descer. *Vamos apiar desse cavalo!*

Balaio de gato: bagunça. *Ceguei lá e minha casa tava um balaio de gato.*

Barrer: varrer. *Fulana barreu a casa.*

Bibi café e fumo: Bebi café e fui.

Corguim: córrego.

Bucho: estômago.

Custoso: difícil. *O serviço de roça é custoso!*

Eu di a foia pra ela: Eu dei a folha para ela.

Lá em riba: Lá em cima. *Vamos lá em riba.*

Ninho de guacho: bagunçado. *Seu cabelo tá um ninho de guacho.*

Percata: chinelo.

Pousar: dormir. *Posso pousar na sua casa hoje?*

Roça: fazenda.

Trabisseiro: travesseiro.

Tunda/sova/pisa/coro: surra. *Eu dei uma tunda naquela pessoa.*

Veaco: esperto. *Aquele rapaz é muito veaco.*

Zombeta: tonto. *Ele tava andando todo zombeta na rua.*

Figuras populares e andarilhos da Canastra

Por todas as cidades, vilas e povoados passam pessoas vindas sabe-se lá de onde. São os andarilhos que muitas vezes vemos ao longo das estradas e rodovias, levando consigo nada mais que a roupa do corpo e alguns pertences numa capanga. Aqui na região da Canastra não é diferente. Alguns desses andarilhos deixaram saudades. É o caso do Antônio Marcos, que tinha o apelido de Bacada. Ele não tinha casa. Dizia que morava em baixo do chapéu. Sobre sua origem ele não gostava de comentar. Falava apenas que era baiano. Sua voz era rouca e trêmula. Suas mãos tremiam tanto que quase não conseguia enrolar seu cigarro de palha. A história que ele mais gostava de contar era a de sua participação na guerra do Paraguai.

Outra andarilha era a Mudinha, cujo nome ninguém sabe. Era uma mulher surda e muda que andava de casa em casa almoçando, jantando e dormindo. Quando alguém lhe oferecia um café, muito contente ela tirava dos seios uma canequinha feita de lata de extrato de tomate e, ali tomava o cafézinho. Tinha também o Seu Ico, um senhor muito nervoso. Em toda casa que ele chegava, quando alguém perguntava: Já almoçou? E ele dizia: "Não, só um mexidinho cedo", ou seja, quase nada. Se alguém lhe mostrasse o sinal da cruz, então era hora de fugir, pois ele saía correndo atrás.

O Américo tinha apelido de Pelota, mas gostava de ser chamado pelo nome. Era uma pessoa extremamente calma. Também não tinha uma morada fixa. Quando era mais novo, trabalhava na capina de roça e dormia por ali. Gostava muito de um café e um cigarrinho de palha. Quando ficou muito velho, carregava um embornal com cacos de vidro e dizia serem diamantes. Se alguém se atrevesse a meter a mão em seus "diamantes", ele ficava furioso.

Ricardo era mais um que andava de casa em casa. Era chamado de Tirico. Comia em um lugar e pernoitava em outro. O que mais gostava de fazer era benzer as pessoas e buscar lenha no mato. Quando menos se esperava, ele chegava com um grande feixe de lenha. Dizem que ele tinha o hábito de comer carvão.

Capitão, outro desses ilustres desconhecidos, era um homem muito estranho e um pouco agressivo. Não gostava de dormir dentro de casa, preferia o paiol. Como todos sabiam de seu costume, já preparavam o paiol com colchão e coberta. Morreu em certa noite no chapadão da Canastra depois de um forte temporal.

O rosário de andarilhos que perambulavam pela Canastra teve ainda o Roque Valério, o Doutor Cabaça, o Bernardinho, o Zé Aleixo, o Joaquim Gomes, Semeão e muitos outros que contribuíram para o folclore local. Na verdade, o que queremos é que as gerações atuais e futuras se conscientizem sobre a importância da preservação da cultura da nossa região. Que as festas, crenças e costumes, e todas as manifestações da cultura local não desapareçam com o tempo. É importante que todos entendam que a cultura de uma determinada região é um patrimônio que só aquela região possui e que deve ser preservado ao máximo.

Histórias da Canastra: O santo fujão

Segundo reza a lenda do São Roque Fujão, a primeira capela de São Roque foi construída na fazenda do Zelinho (Capela Velha), onde foi colocada uma imagem de São Roque.

Depois, foi erguida uma segunda capela, que é a atual igreja — no jardim da praça Alibenides da Costa Faria.

Para a nova capela, trouxeram a imagem de São Roque que estava na primeira. Porém, durante a noite, a imagem de São Roque voltava para sua antiga morada, na Capela Velha. E assim aconteceu por diversas noites e meses, até que levaram a imagem do santo para bem longe, para uma capelinha localizada na Serrinha, distante 72 quilômetros de São Roque de Minas.

Devido à grande distância entre os dois templos, a imagem teria 'desistido' de sua teimosia em continuar morando na antiga capelinha, e por lá ficou até hoje.

Esta imagem ainda existe e está na Capela Nossa Senhora Mãe dos Homens, Capela da Serrinha, onde o Mestre Justo fez história.



foto Antonio Francisco de Faria



foto Marcelo Bizerril

Quinto Capítulo

Economia e desenvolvimento da Canastra

Chegou a hora de falarmos da economia e do desenvolvimento da região da Serra da Canastra. E esse assunto interessa a todos, pois o futuro da nossa história, das riquezas naturais e das nossas tradições culturais está relacionado com esse aspecto. Embora não haja a pretensão de esgotarmos o assunto, tendo em vista a diversidade de temas que ele nos sugere, faremos uma breve revisão da nossa recente história econômica e tentaremos apontar um caminho que nos leve ao desenvolvimento, mas de base sustentável, ou seja, que leve em conta os aspectos econômicos, sociais e ambientais da nossa região.

O primeiro ciclo econômico foi o garimpo, atividade que começou a se desenvolver pelo município de Vargem Bonita por volta de 1930. A atividade atraiu muitos viajantes e aventureiros de vários lugares do país. Eram pessoas que procuravam mudar de vida, aumentar suas rendas, viver com mais abundância com a venda dos diamantes.

Com uma pedra preciosa era possível comprar 50 alqueires de terra. Mas nem todos tinham essa sorte. As pedras menores eram as mais encontradas. Tinham um menor valor, mas que rendia pequenas propriedades de terra, que mais tarde comportaria famílias inteiras. As expectativas eram grandes. Todos percebiam que o dinheiro circulava intensamente na cidade e que as mudanças estavam por vir. Mas a busca pelos diamantes resultava em grandes mazelas, como o alcoolismo freqüente entre os garimpeiros.

72 |

Espalhados por toda a cidade, os botecos viviam cheios. Buscavam-se momentos de descontração, conversa e descanso da atividade diária. As histórias falavam do dia-a-dia nas grandes crateras, quais as pedras encontradas, suas formas e tamanhos e quem eram os novos afortunados. Ficavam inspirados pelo efeito do álcool, não percebendo seu dinheiro tomar um rumo sem volta, que estavam perdendo o fruto do trabalho e ficando pobres novamente. Também perdiam todo o seu dinheiro em jogatinas e cabarés. Poucos foram os garimpeiros que conseguiram investir, aumentando suas propriedades ou investindo em novas áreas. Homens muito ricos na época, hoje estão esquecidos ou sendo ajudantes em roças. Outros esbanjavam seus pratos de diamantes, como um troféu pela recompensa das incansáveis lavagens de calcário em busca da pedra preciosa.

Havia também outros personagens nessa história: os compradores de diamantes que moravam em Vargem Bonita e São Roque de Minas. O esquema das vendas dos diamantes era muito interessante. Os garimpeiros muitas vezes não conheciam o real valor de suas pedras, por vezes avaliadas injustamente, então eles ofereciam para mais de um comprador até chegar ao preço que eles achavam correto.

Os garimpeiros trabalhavam de segunda a sábado, das sete da manhã às cinco da tarde. No domingo, geralmente caíam na bebedeira ou cuidavam de suas pequenas plantações e família. Muitos nem chegavam a lavar o cascalho direito quando achavam um diamante grande e já saíam para o mundo para tentar melhorar de vida, pois o valor era alto. Os diamantes eram guardados em piquás, um tipo de canudo com uma rolha em cima e que podia ser feito até mesmo com rabo de tatu.

O garimpo e a questão ambiental

Embora a exploração do diamante não usasse o mercúrio, como no caso do ouro, o garimpo das pedras causava outros tipos de danos ambientais. Quando o garimpo era manual, já havia prejuízo para as beiras de rios e córregos, principalmente o rio São Francisco. Quando chegaram as dragas, foi para destruir de vez os rios, derrubando os barrancos, assoreando rapidamente os cursos d'água e, principalmente, desmatando as matas ciliares para dar acesso às máquinas.

Hoje, podemos atravessar diversos córregos e rios por causa desse assoreamento. Vários bolsões de areia podem ser encontrados nos percursos do rio por causa da ação descontrolada do garimpo, prejudicando a fauna e flora. A água era barrenta e escura. Nos locais onde máquinas trabalhavam, a recuperação das matas é quase nula. A fiscalização não existia. O povo não ligava para as questões ambientais. Poucos refletiam sobre isso.

A produção do queijo Canastra e sua importância para a economia regional

O início da produção de queijo feito na região da Serra da Canastra data do século XVIII. Embora ainda haja pressões visando à modernização dos processos de produção – que no curso da história forçaram a introdução da pasteurização do leite para a fabricação de queijos – as práticas tradicionais permanecem vivas em Minas Gerais, o que não é diferente aqui na região.

O queijo Minas artesanal da Serra da Canastra é um produto fabricado a partir de leite cru e integral da vaca, cultura láctea natural (pingo), coalho e sal. O clima local contribui para o processo de maturação, o que garante sabor e coloração inconfundíveis ao produto.



foto Fabiana Lopes Rocha

Identificação geográfica do queijo Canastra

Por meio de um acordo de cooperação entre o Brasil e a França, é realizado em Minas Gerais desde o ano 2000, um trabalho de Identificação Geográfica com o objetivo de valorizar o produto e a região. A idéia é fortalecer a Associação Regional dos Produtores de Queijo Canastra (APROCAN), valorizando a cultura local, o histórico, o saber fazer, o produtor e a fama da região. "A identificação geográfica nada mais é do que o resgate de uma identidade de uma região. No caso da Canastra, ela apenas reconhece e resguarda um produto que já é sucesso garantido no mercado, mas que ao mesmo tempo precisa ser protegido", relata o veterinário da APROCAN, Gilson de Assis Sales.

Ainda segundo o veterinário, uma vez bem desenvolvida essa identificação por meio da união de produtores, governo federal, estadual e municipal e entidades parceiras, a tendência é que o queijo Minas artesanal da Canastra traga ainda mais retorno econômico aos produtores do município e toda a região.

Embora secular, com o passar do tempo, a tradição artesanal agora se une às novas tecnologias e equipamentos, garantindo um queijo de qualidade com o paladar característico e segurança sanitária.

Na região da Canastra, a produção do queijo artesanal é um fator cultural de significativa importância socioeconômica para grande parte das famílias rurais. É principalmente da produção familiar que saem cerca de cinco mil toneladas por ano de queijo Minas para abastecer os mercados locais, regionais e até mesmo estados vizinhos, como é o caso de São Paulo, considerado o maior consumidor do produto.

Só em Minas Gerais, cerca de 30 mil produtores sobrevivem da atividade da produção de queijo, sendo que, em São Roque de Minas, 850 famílias fabricam anualmente 1600 toneladas de queijo Canastra. Isso representa 90% dos produtores, uma taxa bastante considerável se comparada a outros municípios vizinhos, como Piumhi e Bambuí, que é de 10% e 17%, respectivamente.

Centenas de famílias dependem dessa atividade como garantia de sobrevivência. Nesta região, os produtores são de pequeno porte e sua produção consome de 80 a 200 litros de leite por dia.

A importância da agricultura e da pecuária

Já no início do século XIX, por ocasião de pesquisas realizadas pelo renomado naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), foi observado nas proximidades da Serra da Canastra uma densa vegetação de capim-flecha. Essa gramínea caracteriza-se por ser excelente pastagem e ainda hoje é bastante apreciada pelo gado.

De acordo com Saint-Hilaire, "foi possível avistar algumas cabeças de gado e plantações de milho". Segundo um morador de época, tudo o que se queria comer naquela época – à exceção do sal – bastava plantar, pois dava de tudo. Tal afirmação preconizava a fertilidade das terras da região que, no futuro, viriam a ser bastante importantes para o desenvolvimento econômico da Canastra.

O gado rendia algumas divisas, mas os gastos com sal eram altíssimos. Quanto aos prejuízos, os moradores se queixavam de certas ervas venenosas como responsáveis pela morte dos animais. Aliado a isso, soma-se a ação dos dizimeiros, que cobravam valores exorbitantes pela criação do gado, o que não passava de uma grande exploração.

De acordo com alguns produtores, antes da região ter se tornado área de preservação ambiental em 1972 por meio de lei federal, o gado dispunha de bastante pasto. Entretanto, isso foi mudando. Com a diminuição das áreas de pastagem, um novo modo de produção teve de ser colocado em prática.

Começou-se a produzir alimentos na estação das águas (verão) para estocar na época da seca (inverno). Com essa mudança, nasceu a agricultura na região, com destaque para a cultura do milho, inicialmente para a subsistência. Com o passar dos anos, tornou-se profissionalizada. O excedente era comercializado, gerando renda.

Conforme depoimentos, o gado dos séculos passados era "rústico", o qual era usado para fazer o transporte de pessoas e mercadorias, sobretudo atadas ao carro de boi. Esse gado produzia pouco leite. Para se ter uma idéia de como as coisas eram diferentes, uma pessoa que saía de São João Batista com destino a Sacramento, demorava, em média, seis dias em viagem. Outro dado comparativo: para fabricar um queijo, era necessária a produção leiteira de dez vacas. Hoje, é possível fazer dois queijos com leite de apenas uma vaca.





A LAVOURA DE CAFÉ OCUPA 3,5 MIL HECTARES NA REGIÃO

foto Adriano Gambarini

76 | Embora a região tenha atravessado inúmeras dificuldades, a realidade hoje é bem diferente. Para ilustrar melhor essa mudança, vale ressaltar um dado interessante. Apenas no município de São Roque de Minas, o rebanho é de aproximadamente 70 mil cabeças. Com uma produção de leite em torno de 60 mil litros/dia, o equivalente a cerca de 1,8 mil litros/mês, o município é reconhecido como importante produtor do queijo artesanal da Serra da Canastra.

Apesar de a atividade rural ter aumentado significativamente nas últimas décadas, a população rural diminuiu. Em 1970, representava quase 77% do total de moradores. Em 1991, passou a representar apenas 56%. Em 2000, caiu para 41%.

Mesmo assim, a agricultura tem peso na economia local. A força do setor deve-se, principalmente, ao surgimento das cooperativas – uma de crédito (Sicoob Saromcredi) e outra ligada aos produtores rurais da Serra da Canastra. Fundada em 1974, com a denominação de Cooperativa Agropecuária de São Roque de Minas Ltda., a instituição atuava apenas na venda de remédios veterinários e supermercado. Com o tempo, a cooperativa evoluiu e, em 2003, após nova reestruturação, passou a ser denominada Cooperativa dos Produtores Rurais da Serra da Canastra Ltda.

Com mais infra-estrutura e novas parcerias, os associados passaram a contar com diversos benefícios, principalmente a assessoria técnica de um agrônomo e veterinário nas fazendas. Hoje são 450 associados. Além disso, a cooperativa oferece armazenagem de grãos de milho e café em silos localizados a poucos quilômetros da cidade. Outra vantagem é a venda de fertilizantes e insumos agrícolas a preços acessíveis.

A cafeicultura, considerada a principal cultura agrícola da cidade, deu um grande salto. Com uma produção altamente tecnológica, produz atualmente cerca de 70 mil sacas de café e tem cerca de 3,5 mil hectares de área plantada. No final da década de 1980 e início de 1990, quando São Roque de Minas passava por uma crise, a produção era de apenas quatro mil sacas de café, em uma área plantada de apenas 120 hectares. Diante desse cenário, ao perceber as dificuldades do homem do campo, a cooperativa de crédito, em parceria com o Sindicato dos Produtores Rurais de São Roque de Minas, construiu um viveiro de mudas de café para distribuição entre os produtores.

O milho também ganhou espaço. A produção começou nos anos 1980. Atualmente, são produzidas cerca de 15 mil toneladas em uma área próxima a quatro mil hectares, lembrando que mais de 1,5 mil hectares são usados para a produção de silagem de milho, que alimenta o gado na época da seca. Os produtores estão se especializando nas novas tecnologias agrícolas para obter o máximo de produtividade. Os grãos abastecem as granjas nos municípios vizinhos e, principalmente, as necessidades do município. Essa cultura traz benefícios, pois exige mão-de-obra, gerando trabalho e melhorando a arrecadação. Além, é claro, de reconhecer o potencial agrícola e a valorização comercial das terras.

Devido ao aumento na produção de milho, surgiu a necessidade de uma estrutura para a construção dos silos com capacidade para armazenar até 9 mil toneladas de grão. Isso foi possível graças à parceria entre a Coocanastra e o Sicoob Saromcredi. Os silos ajudam os produtores a guardar sua produção enquanto esperam por melhores preços.

Diante desse cenário, pode-se dizer que na última década, a pecuária de leite e a agricultura transformaram a vida dos habitantes da Canastra, principalmente a dos produtores rurais. Tudo isso com um trabalho de conscientização ambiental, em que mais de 90% das embalagens de agrotóxicos são devolvidas à Coocanastra, evitando assim, mais contaminação do meio ambiente.

A PRODUÇÃO DE MILHO ATRAI INVESTIMENTOS E TECNOLOGIA

foto Adriano Gambarini



A história de sucesso do Sicoob Saromeredi

A Cooperativa de Crédito Rural de São Roque de Minas Ltda. nasceu da vontade da pequena comunidade de São Roque de Minas de mudar a sua história de decadência causada pelo fechamento da extinta Minas Caixa, até então o único agente financeiro do município.

Após ouvir de alguns bancos que a cidade não era uma praça bancária, a comunidade – mergulhada em dificuldades – resolveu reagir. Ao invés de mudar de cidade, resolveram mudar a cidade. Liderados pelo jovem empreendedor João Carlos Leite, o Joãozinho Messias, um grupo de 22 produtores rurais apoiados pela prefeitura municipal e comerciantes locais inaugurou a Saromeredi em 28 de outubro de 1991.

No começo, a intenção era poder compensar um cheque ou outro, efetuar pagamentos, pagar benefícios, ou seja, resgatar a dignidade de um povo que se sentia excluído de um sistema econômico, financeiro e social. Com um ano de funcionamento, toda movimentação financeira já estava de volta. A partir daí, a cooperativa começou a realizar operações de curto prazo, como desconto de cheque de terceiros com menos de 30 dias, empréstimos pessoais, dentre outras.

“Já éramos o orgulho da comunidade, mas os problemas sociais continuavam graves. Com o advento do Plano Real e queda da inflação, a cooperativa iniciou os projetos de investimento no setor de agricultura e pecuária para gerar produção, emprego, renda e, conseqüentemente, maior fluxo financeiro”, afirma João Carlos Leite em um trecho do livro “A cidade morria devagar”.

Nessa época, a cultura do milho era uma atividade de subsistência no município, o que o tornava importador do produto. Em 1995, com muita luta e determinação, a história foi revertida e São Roque de Minas tornou-se grande produtor e exportador do grão.

A cafeeicultura também era pouco expressiva na região, com aproximadamente 350 mil pés. Tendo em vista o novo cenário, a partir de 1994 a cooperativa de crédito começou a produzir, distribuir e financiar a produção e o plantio de mudas de café. Devido ao acerto no empreendimento, existe hoje um parque cafeeiro com mais de seis milhões de pés de café.

Outro caso de sucesso teve início em 1996. Demandada pelos associados e comunidade, a cooperativa passou a investir no setor de desenvolvimento social. Nasceu, então, a parceria com o Sindicato dos Produtores Rurais de São Roque de Minas e a Cooperativa dos Produtores Rurais da Serra da Canastra. Nesse mesmo ritmo, a cooperativa de crédito incentivou a criação da Associação Comercial, Industrial, Agropecuária e Serviços de São Roque de Minas (ACIAS), da Cooperativa Educacional de São Roque de Minas e do provedor de Internet SRMinas. O provedor não tem fins lucrativos. Seu principal objetivo é trabalhar a inclusão digital da comunidade.

Livre Admissão: novos tempos na cooperativa

Embalada pelo crescimento, em 6 de novembro de 2004, a cooperativa passou a ser “aberta” (de Livre Admissão), ou seja: tanto pessoas físicas quanto jurídicas de natureza pública ou privada puderam se associar e a instituição passou a ser chamada Cooperativa de Crédito de São Roque de Minas Ltda.

Hoje, a cooperativa atua em outras quatro localidades (Vargem Bonita, Delphinópolis, São João Batista do Glória e Pratinha), beneficiando aproximadamente 6.500 cooperados em todos os setores. Ressalta-se que, à exceção de Delphinópolis, a cooperativa é o único agente financeiro nos outros quatro municípios. Portanto, pode-se dizer que o Sicoob Saromeredi funciona como um verdadeiro banco de desenvolvimento regional, gerando dezenas de empregos diretos e indiretos. A meta é ter pelo menos 50% da população da área de atuação como associados, fazendo uma verdadeira inclusão bancária, incentivando poupança e empreendedorismo, alavancando sonhos e gerando um verdadeiro desenvolvimento econômico e social.

O turismo

O turismo na região da Canastra é um fato bastante recente. Por volta do ano 2000, a comunidade ainda não considerava viável essa atividade na região, especialmente por não perceber sua importância econômica. No entanto, nessa época algumas poucas pessoas começaram a investir na ampliação da estrutura turística. Os primeiros turistas da Canastra vinham do estado vizinho de São Paulo, especialmente das regiões de Franca e Ribeirão Preto. Esses visitantes freqüentavam as regiões de Delfinópolis e São João Batista do Glória, desfrutando tanto das belezas das cachoeiras quanto do lago de Furnas.

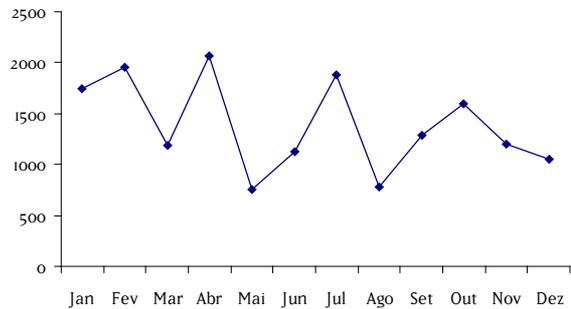
No final de 2001, o turismo na região sofreu grande incentivo, sendo projetado pela mídia em todo o país e no exterior por ocasião dos 500 anos de descoberta do rio São Francisco. A partir daí, aumentou o fluxo de turistas, como também o de pessoas querendo investir na atividade.

Segundo dados do Ibama, o número de visitantes ao parque passou de 3 mil ao ano para 32,5 mil em 2006. São Roque, com cerca de seis mil habitantes, chega a receber um número de visitantes equivalente à sua população. É interessante notar o fluxo de turistas estrangeiros na Canastra. Em geral, são europeus e norte americanos, na maioria das vezes observadores de pássaros que costumam vir no segundo semestre de cada ano. Os turistas brasileiros vêm, em sua maioria, do estado de São Paulo e do Rio de Janeiro. Curiosamente, são poucos os turistas mineiros.

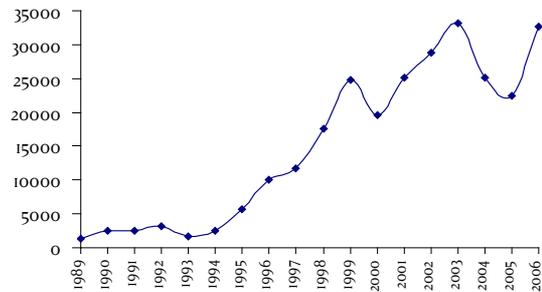
Há também grande fluxo de pessoas nas festas populares e religiosas da Canastra. Mas nesses casos, os turistas são pessoas da própria região, ou que têm parentes aqui.

Recentemente, os principais atrativos de Minas Gerais foram divididos em circuitos e o Circuito da Canastra é um dos principais em todo o estado. A proximidade de outros centros turísticos do mesmo circuito — como a cidade de Araxá — e a parceria do Sebrae fortalecem as perspectivas do turismo sustentável na região. Concluída em 2006, a pavimentação da estrada que liga Piumhi a São Roque de Minas e Vargem Bonita melhorou muito o acesso e a visitação, mas ainda restam ações importantes como a implantação de um sistema eficiente de sinalização nas estradas relacionadas ao circuito da Canastra.

NÚMERO DE VISITANTES AO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CANASTRA POR MÊS.



NÚMERO MÉDIO DE VISITANTES AO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CANASTRA POR ANO.



Fonte: Ibama

Turismo com responsabilidade

Nesse pouco tempo, ficaram claras algumas transformações que o turismo trouxe para a região. Em primeiro lugar, a presença dos turistas tem feito os moradores perceberem que as belezas locais, com as quais estão tão acostumados, deslumbram pessoas de outros lugares e tem importância muito maior do que supunham.

Em segundo lugar, o turismo hoje vem crescendo como gerador de empregos na região, o que tradicionalmente estava relacionado à agricultura e pecuária. Nos períodos de alta temporada, os recursos gerados são significativos não apenas nos serviços de hospedagem, mas também por meio do comércio e da contratação de mão-de-obra.

As perspectivas para o turismo na região são as melhores possíveis, inclusive porque há muitos aspectos ainda a serem explorados. Finalmente, está consolidada a percepção de que o turismo pode gerar renda. Mas uma grande preocupação é a exploração turística com responsabilidade, com foco na conservação da natureza que, afinal, é o principal atrativo dos turistas.

Um aspecto relevante para o planejamento do turismo na região é a sazonalidade, ou seja, existem épocas de grande procura, como feriados prolongados e finais de semana, e épocas de baixa temporada, como os meios de semana e as épocas de chuva. Nesse último caso é preciso buscar um perfil de turista que freqüente a região na baixa temporada. Particularmente nas chuvas, seria interessante atrair jipeiros e motoqueiros, dispostos a enfrentar as estradas de terra. Contudo, essa atração precisa vir acompanhada de um forte programa de educação ambiental para que esses turistas não acabem por depredar a região.

80 |



foto Adriano Gambarini

Outro esforço que precisa ser feito é a divulgação de outros pontos de visitação, pois hoje o turismo se concentra muito em dois pontos do PARNA Canastra: a nascente do rio São Francisco e a cachoeira Casca d'Anta. Existem na região ao menos outras 50 cachoeiras com potencial turístico, porém de difícil acesso.

O trabalho contínuo de capacitação para atendimento ao turista é uma necessidade, assim como o esforço para a consolidação do destino turístico Canastra nos grandes centros e nas agências de turismo. Mas existem certos cuidados a serem tomados para o sucesso do turismo na região: deve-se primeiro construir a estrutura para receber o turista e, a partir daí, iniciar uma divulgação ampla.



foto Adriano Gambarini

Nosso futuro econômico depende do que decidirmos agora

Muito do que conquistamos foi por meio da luta e da determinação do povo daqui. Entretanto, essa região anseia por novas conquistas. Aliado às novas tecnologias, pretendemos elevar ainda mais a filosofia do cooperativismo, que já vem sendo desenvolvida e cujos resultados apontam para um caminho vitorioso.

| 81

A partir do momento em que as pessoas se conscientizarem do valor de nosso potencial ecoturístico e da riqueza das águas, tudo isso passará a ser um fator de desenvolvimento e distribuição de riquezas.

Embora o turismo seja a grande promessa, o setor agropecuário também é um fator de prosperidade, trazendo divisas. Veja o caso do queijo Canastra e da boa qualidade do café produzido aqui, conhecido como o Café do Cerrado, que hoje já rompeu as barreiras nacionais.

Mas não podemos ignorar a tendência de chegada da cultura da cana-de-açúcar. Em pelo menos dois municípios da região da Canastra (São João Batista do Glória e Delfinópolis), essa cultura já é uma realidade que ganha, a cada dia, mais espaço e adeptos. Conseqüentemente, não é possível prever as reais conseqüências e benefícios e/ou malefícios em longo prazo desse "modismo".

Será que uma região extremamente importante para a humanidade no tocante a recursos hídricos, já com sérios riscos de escassez para um futuro próximo, seria a melhor opção para se investir nessa cultura comprometedora? Com esta indagação, espera-se que os leitores de hoje e do amanhã possam debater essa questão de uma forma racional e sustentável.

Como forma de apresentar algum parâmetro, tivemos num passado não muito distante, o exemplo da exploração do garimpo na região, que causou uma revolução econômica em curto prazo, porém deixou como lembrança negativa a degradação ambiental e humana até hoje irreparáveis.



Este livro é produto do projeto **O lobo da Canastra**, um programa de educação ambiental desenvolvido em conjunto com a comunidade do entorno do Parque Nacional da Serra da Canastra - MG. O projeto é financiado pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) e coordenado pelo Instituto Pró-Carnívoros em parceria com a Universidade de Brasília.



Universidade de Brasília



UFMG

apoio



**Ministério do
Meio Ambiente**

